



Março
2015

89 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira
Maria Inês e Gerson Pereira Pepe
Marisa e José Galdino Ulysses
Raimunda e Francisco de Assis Rocha Albuquerque
Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Hélio Amorim
Arlete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Terezinha e Oscaivo Homem de C. Campos
Francione e Ricardo R. Werneck
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 17:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão

Gráfica Santa Rita
Rua N. Sra. de Lourdes, 425
36070-450 - Juiz de Fora - MG
Telefone: (32)3215-7060
orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação

Anderson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

Capa:

Imagem publicada em www.pixabay.com

É possível! _____	4
<i>Hélio Amorim</i>	
2014: ano de Francisco _____	7
<i>Luiz Alberto Gómez de Souza</i>	
A empatia como limite _____	12
<i>Francisco Borba Ribeiro Neto</i>	
A proposta de Jesus e o BBB _____	14
Acordemos _____	15
Pe. Manu	
Adeus 2015, feliz 2030 _____	18
<i>Pedro Abramovay</i>	
Autonomia e participação política _____	20
<i>Jorge Leão</i>	
Como vai a nossa família? _____	22
<i>Deonira L. Viganó La Rosa</i>	
Cuba e EUA: o início do fim do bloqueio _____	25
<i>Frei Betto</i>	
Dentro das possibilidades ecológicas _____	27
<i>Marcus Eduardo de Oliveira</i>	
Diferentes e iguais _____	30
<i>Pe. Alfredo J. Gonçalves</i>	
O atentado em Paris _____	34
O lugar dos filhos na família _____	36
<i>Rosely Sayão</i>	
O pavor dos abastados: a desigualdade e a taxaço das riquezas _____	38
<i>Leonardo Boff</i>	
Reforma política: itens a serem modificados _____	41
<i>Wadih Damous</i>	
Ano da privacidade _____	44
<i>Pedro Doria</i>	
Corrupção sistêmica institucionalizada _____	46
<i>Jorge Pontes</i>	
Ela dá o que falar há 800 anos _____	49
<i>Paulo Nogueira</i>	
Meia, Meia, Meia, Meia ou Meia? _____	54
Escolinha da verdade _____	56
<i>Paulo do Carmo</i>	
Papa Francisco _____	58
<i>Cristovam Buarque</i>	





EDIT RIAL

É POSSÍVEL!

Helio Amorim*

A presidente acha que esse episódio de assalto à Petrobras “pode mudar o país para sempre”. É possível!

Seu gigantismo conspira hoje contra a transparência dos seus negócios e tornou mais difícil identificar assaltos bilionários aos seus cofres. Ao longo dos seus 60 anos não foram poucos os deslizos marcados por propinas e desvios de dinheiro nos mais altos escalões de gestores da empresa.

Ancelmo Gois listou em sua coluna do Globo alguns – apenas alguns, – casos escabrosos, da cor do petróleo. Jango demitiu toda a diretoria da Petrobras em 1964, nas vésperas do golpe militar, por terem negociado contratos ruinosos.

No regime militar, rompendo a censura da imprensa, ficamos sabendo que um ex-presidente

da estatal saqueou a empresa e fugiu do país. No governo Sarney, um general, diretor da empresa cobrou propinas de banqueiros.

Em movimento oposto, em 1989, outro presidente da petroleira denunciou o governo Collor por negociações pecaminosas, estopim para a sua derubada do Planalto.

No período de FHC na presidência, foi denunciado e frustrado um *contrato de exclusividade* com uma das empresas do cartel na área de petroquímica. No governo Lula a Polícia Federal desencadeou a Operação “Águas Profundas” que apurou fraudes em licitações com desvios de mais de 200 milhões.

Lá fora, a Justiça holandesa multou a empresa que nos fornece navios-plataforma por pagamento de propinas no Brasil e em outros países, demonstrando que não se trata de fenômeno tupiniquim.



Observa-se, assim, que a esperteza nos negócios da Petrobras não tem cor partidária. Os negócios são submetidos à ambição desmedida de quadros públicos e agentes privados por ganhos vultosos acordados em gabinetes discretos - às vezes nem tão reservados.



do conselho de administração da Petrobras, sem que nenhum dos personagens, altamente experientes e vacinados contra essa praga, percebessem os desvios de tantos dinheiros “nas suas barbas”. Ponto para a habilidade perversa da quadrilha.

Chegamos então ao Lava-Jato que envolveu dezenas de co-autores e cúmplices, liderados por dois diretores da Petrobras e cumplicidade de algumas das maiores empresas construtoras - ou vice-versa.

Os desvios estão calculados com precisão porque foram conhecidas as cláusulas contratuais dos criminosos: nada menos de 3% dos valores dos contratos firmados pela Petrobras com um sólido cartel de poderosas empreiteiras.

Espanta-nos a duração dessa articulação criminosa de largo alcance, dez anos ou mais, contando com uma sólida discrição dos tantos atores dessa *trampa*. Estiveram presentes obrigatoriamente nas mais de uma centena de reuniões regulares da diretoria e

Outra faceta desconcertante dessa e de outras maracutaias é a habilidade dos criminosos para ocultar o produto de seus golpes. Aparentemente é fácil abrir contas bancárias fantasmas em paraísos fiscais inexpugnáveis, depositar e movimentar fortunas, em países minúsculos que nos mapas não se consegue localizar facilmente.

A partir da delação premiada, conhecemos melhor essa geografia pelo “arrependimento” súbito de assaltantes dispostos a devolver partes ainda disponíveis do butim milionário, contra redução de penas e delação dos seus cúmplices.

Resta a suspeita consequente dessa tragicomédia: não é possível tratar-se de um fenômeno petrolífero. São múltiplos os setores de contratações públicas que podem estar dominados por pessoas





ou grupos com habilidades e interesses escusos, em todos os níveis da administração pública, federal, estaduais, municipais, em conluíus perniciosos a serem desmontados com precisão cirúrgica.

As comissões de licitações públicas precisam ser integradas pelos melhores e mais confiáveis quadros dos órgãos públicos que as constituem.

Os Tribunais de Contas da União e dos Estados podem e devem estar aparelhados para esse controle da boa gestão pública não sendo apenas reativos ao leite deramado.

É possível!

** Hélio Amorim é Engenheiro civil, membro do Movimento Familiar Cristão e do Conselho Editorial do Boletim REDE. helioamorim(a)ism.com.br*

Esperança...

Sentir-se acolhido pelo outro é também sinônimo de esperança.

Acolher o ferido, apontando o caminho da saída...

Esperançar... avançar... acalmar...

No verde do campo, estender os braços ao sol... abandonar-se em

Deus... sentir sua presença entre nós.

Estender a mão...

amar sem restrição... assim vale muito esperançar... não impondo condições para doar-se.



Ser esperançoso é animar a vida a ser vivida, acolhida, amada...

Ouvir de dentro das veredas do caminho a mansidão do silêncio acolhedor.

Olhar com os olhos da esperança...

reverter a dor da espera em mover-se para o mais alto, sempre...

Mover-se

tendo bom ânimo dos passos.

Ver nas tortuosas esquinas a passagem para uma vida mais plena, repleta de caminhos esperançosos...

Ser vitalmente manifestação da esperança no mundo.

Acender o fogo do amor divino entre as perdas e quedas...

Animar a quem perdeu a esperança a não desanimar.

Segurar a sua mão e dizer: "sempre... a esperança não morreu"...



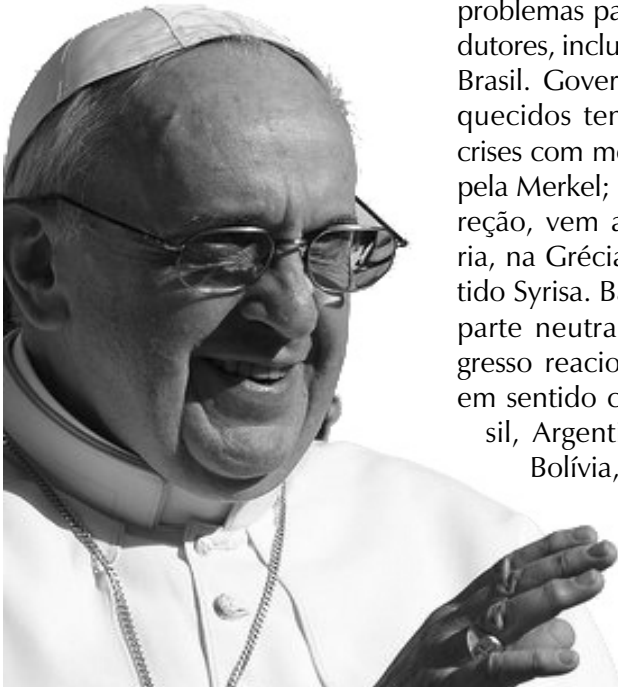


2014: ano de Francisco

*Luiz Alberto Gómez de Souza**

Um ano de conflitos: “uma terceira guerra mundial pode ter começado aos poucos, com crimes, massacres e destruições”, nas palavras angustiadas de Francisco. Síria devastada; nascimento de um novo califado islâmico no norte dessa mesma Síria e em boa parte do Iraque, até perto de Bagdá – antiga sede gloriosa do califado abássida (750 - 1258), perseguindo muçulmanos chiitas, mesmo alguns sunitas, alauitas, yázidis, curdos e minorias cristãs, degolando ocidentais sequestrados;

Paquistão e Afeganistão ameaçados pelos Talibãs; Boko Haram, na Nigéria, sequestrando meninas e querendo criar outro estado islâmico; Ucrânia, perdendo a Criméia e com suas províncias orientais ameaçando secessão; milhares de refugiados subsaarianos e árabes, desembarcando na Itália e na Espanha em frágeis embarcações, deixando para trás seus mortos que pereceram na viagem. E poderíamos elencar outros conflitos, muitos endêmicos, como no Sudão. Ao mesmo tempo, a Arábia Saudita e os Estados Unidos jogando para baixo o preço do petróleo em manobras especulativas, criam problemas para outros países produtores, inclusive para o pré-sal no Brasil. Governos europeus enfraquecidos tentam contornar suas crises com medidas duras exigidas pela Merkel; porém, em outra direção, vem a esperança da vitória, na Grécia, do renovador partido Syriza. Barak Obama está em parte neutralizado por um congresso reacionário e racista. Mas em sentido contrário, temos Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Equador, Nicarágua, El Salvador e Venezuela com políticas sociais populares, para horror de suas elites atrasadas,





que controlam mídias ferozes e derrotistas. À frente, três mulheres valentes e um índio aimara.

E no fim do ano, em 17 de dezembro, uma notícia inesperada e feliz, para os que não aceitávamos o embargo a Cuba de tantas décadas. Um diálogo entre Obama e Raul Castro, através da discreta e firme mediação do bispo de Roma, que nesse dia completava 78 anos. Olhando o ano que terminou, estamos descobrindo Francisco como o personagem mais luminoso, num mundo carente de expressivas lideranças. Na sua recente Mensagem de Natal, exigiu paz e diálogo num planeta em crise. E no pronunciamento de 1º de janeiro, insistiu que “a paz é sempre possível”. Há muito tempo não se tinha visto uma personalidade tão forte e ao mesmo tempo com meios materiais tão frágeis. “Quantas divisões tem o Papa?” perguntara irônico o poderoso Stalin. A força de Francisco vem de uma ética e de uma espiritualidade irradiantes e de uma enorme capacidade de escuta e de diálogo.

A história caminha enviesada. Um culto da personalidade envolvia Stalin e Pio XII na metade do século passado. Mas, um pouco adiante chegou, na Igreja Católica, “um homem chamado João”, simples e sorridente, espalhando

sinais de uma “inesperada primavera”, como ele mesmo disse ao anunciar o concílio Vaticano II. Entretanto, anos depois, veio o que o teólogo jesuíta João Batista Libânio chamou, “a volta à grande disciplina”, ou um “inverno na Igreja”.

Eis que, em 13 de março de 2013, outro homem, chegando “do fim do mundo” para ser bispo de Roma, teve a valente ousadia de chamar-se Francisco, como o pobre de Assis. E, em sua primeira aparição pública na praça de São Pedro, inclinando-se, pediu que a multidão o abençoasse, isto é, invocasse sobre ele a força do Espírito. Antes apelou para a comunidade, depois deu a bênção como bispo recém – eleito. Deu-se uma significativa e eloquente inversão. O povo de Deus precedia o bispo, fazendo real o que era antes apenas uma figura de retórica: este último como “servo dos servos de Deus”. Quando João Paulo II veio ao Brasil, em 1980, num livro que editei sobre a visita, pus o título: “O povo e o papa”, era aquele que vinha antes e acolhia este último.

Desde sua eleição, Francisco não deixou de surpreender. Antes de vir ao Brasil, para uma jornada da juventude desenhada como um grande espetáculo no estilo de seus antecessores, pra-





ticamente só, foi à ilha de Lampedusa, ao encontro de refugiados subsaarianos e árabes e celebrou com eles, num altar que era uma embarcação emborcada e semidestruída, empunhando uma cruz feita com um remo empapado de dor e sangue. Abraçou aqueles corpos sujos e suarentos e lembrou aos muçulmanos ali presentes, a força e o significado do seu Ramadã. Afastou-se dos aposentos principescos de uma Roma imperial e se instalou numa pousada para peregrinos de passagem. Sua pedagogia não consiste em repisar doutrinas e preceitos (“eles estão aí”, indicou sem dar detalhes), mas em clamar por compaixão e misericórdia. Ao mesmo tempo, teve palavras duras para uma Igreja encerrada num gueto narcisista. E, já em suas alocações no Rio de Janeiro, exigiu uma saída ao mundo, correndo os riscos e as ciladas de uma sociedade minada por conflitos, ambições e individualismos.

Nada exprime melhor a valentia de seu ensinamento do que sua dura alocação aos membros da cúria romana, bastião de poder corroído por lutas de interesses que provocaram a renúncia de seu antecessor. Ali apresentou quinze

possíveis doenças. Entre outras, um Alzheimer espiritual (perda das faculdades espirituais), esquizofrenia existencial, rivalidades, murmurações, círculos fechados, indiferença para com os outros, si-sudez, exibicionismo. E terminou com um pedido que sempre tem repetido: “Não vos esqueçais de rezar por mim”.

Alguns tradicionalistas estão protestando: não reitera doutrinas, para eles indispensáveis de serem repisadas. Do outro lado, outros, afoitos, reclamam que, até agora, ele não inovou em doutrinas e normas. Os primeiros se queixam de sua imprevisibilidade e um chegou a afirmar que, “continua perturbando a tranquilidade do mundo católico”, que vegetaria nas águas mornas das rotinas. Os segundos seguem com o mau hábito de aguardar mudanças vindas de cima, através de alocações magisteriais. Esquecem que o importante é esperar que as





transformações subam das práticas e das ações concretas e que devem colaborar para tal. Jesus não trouxe um conjunto de normas, como um código canônico antecipado. Ao contrário, violou preceitos fazendo milagres no sábado e entrando na casa de publicanos. O receituário era mais bem próprio dos fariseus legalistas, encastelados em seus princípios, mas tantas vezes “sepulcros caiados”. Para Francisco, antes de tudo, o importante é criar um clima novo, um chamado à conversão, isto é, procurar mudanças de rumos (*con-vertere*).

Nomeou uma comissão de oito cardeais para que o assessorem, fora dos hábitos curiais. Como presidente dela, colocou outro latino-americano, bispo de um pequeno e pobre país da América Central, na quase desconhecida Tegucigalpa. E numa reunião com cardeais, solicitou ao alemão Kasper, crítico ácido dos hábitos romanos, que levantasse questões sobre um tema que lhe é caro, o tema da família. A imprensa se fixou nas normas de sua indissolubilidade e na união de hétero e de homossexuais. Mas o fundo último dessa temática não é uma instituição, porém a relação amorosa entre os seres humanos.

Francisco convocou um sínodo extraordinário, em outubro de

2014, sobre os problemas da família. Mas repito, o tema fundante na raiz mesmo da família e de qualquer relação, é sempre o amor. No sacramento do matrimônio, os oficiantes são os cônjuges, num ato de entrega amorosa. No convite ao casamento, amigos e um sacerdote são convidados para apenas testemunhar, em nome da comunidade (*ecclesia*), quando eles dois se irão dar um ao outro (objeto direto) o matrimônio. Fica uma pergunta no ar, hoje ainda sem resposta, para repensar o sacramento. Se o elo é o amor e os agentes sacramentais o casal, que acontece quando o amor se esvai e um novo amor pode surgir? Não estamos muitas vezes reduzindo o sacramento do matrimônio a um ato mecânico?

Na metade do sínodo, um bispo, Bruno Forte, teólogo agudo, apresentou uma “relatio” insinuando a necessidade de mudanças, provocando fortes reações. O testemunho de um casal australiano, também vindo “do fim do mundo”, mostrou, a partir de uma experiência concreta, a necessidade de ter uma abertura aos temas da homossexualidade no interior das famílias. Foram aplaudidos, mas logo o Cardeal Burke e grupos provida reagiram contra. O casal brasileiro, afirmando o uso pessoal dos métodos contraceptivos ditos naturais, indicou



que eles, muitas vezes, carecem de praticidade. Aliás, a distinção entre natural e artificial, no relativo aos métodos contraceptivos, suporia uma natureza imutável, o que vem sendo questionado desde os alvares da modernidade. Para Emmanuel Mounier, na aurora dos tempos modernos, os componentes habituais da ideia de natureza (imobilidade, equilíbrio, perfeição circular), cederam lugar a um destino aberto, “em direção ao imprevisível e ao infinito” (*La petite peur du XXème siècle*, 1949). Para Candido Mendes, “o avanço do conhecimento da complexidade da vida e seu controle, (foram) esvaziando toda visão fixista de uma ‘natureza’ ou de uma ordenação previa às potencialidades do homem” (*Por um humanismo da encarnação*, 2008).

As reações de muitos membros do sínodo, alguns norte-americanos e o próprio chefe da congregação da doutrina, o alemão Müller, mostraram como a Igreja ainda não

está preparada, na cúpula, para transformações. O relatório final do sínodo foi uma volta atrás, à doutrina tradicional. Francisco assistiu todo o sínodo e não interveio, deixando a liberdade para pensar, propor ou resistir: “falem com clareza e sem temor”, declarou na abertura. Mas na mensagem deste ano novo lembrou: mesmo os cristãos tem uma “tendência a resistir à liberdade... A liberdade nos assusta... Uma nostalgia pela escravidão se aninha em nossos corações, pois parece mais reconfortante do que a liberdade, que é muito mais arriscada”. Francisco exigiu que fossem publicadas as posições mais inovadoras do sínodo que não obtiveram maioria, com o número de votos que conquistaram. Indicavam tendências emergentes.

* Luiz Alberto Gómez de Souza
é Diretor do Programa de Estudos
Avançados em Ciência e Religião

Universidade Candido Mendes
Continua na próxima edição.

Por ser ateu e não acreditar em uma razão para estarmos aqui, tive uma vida muito triste, sem esperança.

Woody Allen





*Francisco Borba Ribeiro Neto**

Em nossa cultura, o debate sobre a liberdade para satirizar envolve um paradoxo. A história mostrou que legislações que censuram ou reduzem a liberdade de expressão acabam indo contra a autonomia das pessoas e a democracia.

A convivência em sociedades plurais, que buscam a igualdade e a democracia, mostrou a necessidade de normas que garantam o respeito ao diferente procurando eliminar ou reduzir discursos que exacerbem o preconceito e a exclusão.

O problema se agrava com a pressão da disputa por audiência e sucesso, que leva articulistas, artistas e chargistas a chocar sempre mais para ganhar mais público.

Nossa posição nesse jogo depende frequentemente de estar-

mos entre os que riem da sátira ou os que são objeto do riso alheio. No caso da sátira religiosa outros fatores se apresentam.

O poder hegemônico e a moral tradicional costumam se valer das religiões mais importantes para sua autolegitimação. Muitos religiosos dirão que essas são alianças espúrias que adulteram e instrumentalizam a mensagem original. Mas elas realmente existem.

Soa estranho que religiões possam necessitar das mesmas atenções que minorias. Aliás, parece que o discurso religioso é quase sempre uma ameaça às minorias - apesar de ser muitas vezes uma defesa para algumas delas.

Assim, um chargista pode se considerar um defensor do livre pensamento quer esteja ridicularizando poderosos e perigosos de-



tentores do poder econômico e político, quer esteja ridicularizando as crenças de pessoas simples e muito mais frágeis do que ele na hierarquia social.

Além disso, não se percebe que ironizar as convicções de alguém pode ser tão virulento quanto ironizar seu tipo físico ou suas opções sexuais. Talvez porque pensemos em nossas ideias como mercadorias descartáveis, e não como convicções que mostram a dignidade de uma vida.

Existem leis que, em teoria, defendem a dignidade dos cidadãos e das organizações, protegendo-os de difamações, injúrias e outros ataques. Não seria com restrições legais à sátira que resolveríamos os problemas, quer das religiões, quer de outros injustamente satirizados.

Mas é desejável e factível que haja um estabelecimento de limites razoavelmente consensuais sobre o que e como satirizar.

“Razoavelmente” porque, como diz o ditado, toda uniformidade é burra – além de irrealizável – e esse consenso deve ser um ideal de convivência a ser construído, e não uma distopia obscurantista.

Esses limites não podem nascer de regras negociadas entre pode-

rosos. Também não podem ser estabelecidas fora das próprias comunidades de autores nem se tornarem um projeto ditado pelo poder ou uma autocensura determinada pelo medo.

Para serem eficientes e preservarem a liberdade de todos, esses limites devem nascer de uma verdadeira empatia entre diferentes. Devem nascer também da capacidade de nos deixarmos tocar pelo mistério do outro, entrever e compartilhar dentro do possível as dores, anseios, frustrações, valores e realizações daquele que é diferente de nós.

É preciso compreender e nos deixarmos fascinar pelo fato de que somos feitos do mesmo barro, ainda que nossas formas sejam tão diversas. O respeito que nasce da tolerância deve ser superado pela compreensão que nasce da empatia.

A empatia como limite não nos privará das sátiras ao poder, da força do riso para desvelar, nossas incongruências e hipocrisias. Mas nos ajudará a conviver melhor, a respeitar o fraco e a descobrir caminhos de diálogo.

** Francisco Borba Ribeiro Neto
é Sociólogo. Coordenador do Núcleo
Fé e Cultura da PUC-SP*

Transcrito da Folha de São Paulo





A proposta de Jesus e o BBB

Complementando questões levantados por Mesters, o professor Francisco Orofino, doutor em Teologia Bíblica e coordenador do CEBI, destaca que, “o ponto de partida para a prática evangelizadora de Jesus é a situação do povo”. Segundo ele, na sociedade contemporânea, para entender a situação do povo precisamos perceber a mudança de época em curso.

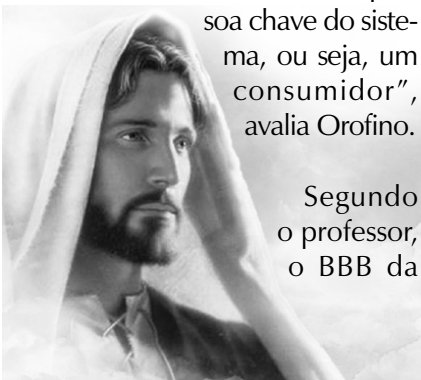
O crescente processo de urbanização faz desaparecer a matriz de muitas religiões que tem origem no rural. “As bases das grandes religiões são rurais, mas hoje a maioria da população vive numa realidade urbana e produz uma cultura urbana. A ideologia dominante das sociedades urbanas é o neoliberalismo, um sistema antievangélico. Nesse sistema, o indivíduo não precisa de ninguém. Para se tornar um vencedor ele deve eliminar as suas dependências, ter dinheiro e se tornar a pes-

soa chave do sistema, ou seja, um consumidor”, avalia Orofino.

Segundo o professor, o BBB da

Globo é o programa que melhor reproduz o momento em que vivemos. A produção transforma a tela da televisão na janela da nossa casa e estimula a curiosidade. O ambiente é muito familiar: “a casa mais vigiada do Brasil”. Só que dentro da casa moram pessoas sem nenhum laço afetivo. Na casa, tudo é artificial, inclusive o apresentador Pedro Bial, mas o objetivo é sólido: se você quiser vencer e ficar com o dinheiro, deve eliminar as pessoas. “Cria-se uma cultura da eliminação onde eu sou convidado a eliminar as pessoas que me atrapalham, que me impedem de ser um consumidor”. Os telespectadores pagam as ligações para eliminar as pessoas da casa e ainda vibram. O paredão lembra a eliminação nos sistemas totalitários. “Essa é a proposta da época que vivemos. E quando isso deixa de ser ficção e passa a ser realidade é trágico”, comenta.

Extraído do texto Bíblia e Missão: “A letra sozinha mata, o Espírito dá vida”, afirma frei Carlos Mesters - Frei Carlos Mesters e o professor Francisco Orofino, da equipe de coordenação do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI).





Vem aí o XIX Encontro Nacional do MFC:

Tema: *“A responsabilidade missionária do MFC diante do futuro da família. Onde estamos e o que buscamos”*

Lema: *“As mãos que ajudam são mais sagradas do que os lábios que rezam” - Madre Teresa de Calcutá*

ACORDEMOS

Pe. Manu

“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz” (Is 9, 1). Será que é por isso que nas ruas das nossas cidades, no Natal, enfeitamos as ruas com tantas luzes e outros enfeites luminosos, porque existem muitas trevas? ... Será que andamos um pouco “nas trevas” e por isso enfeitamos nossas casas e ruas com pequenas luzes que enfeitam sim, mas... não iluminam nossas vidas?

Queremos ver essa grande LUZ da qual nos fala o profeta Isaías. Queremos LUZ que ilumine nosso caminhar e o da nossa família mesmo que as trevas às vezes sejam obscuras demais.

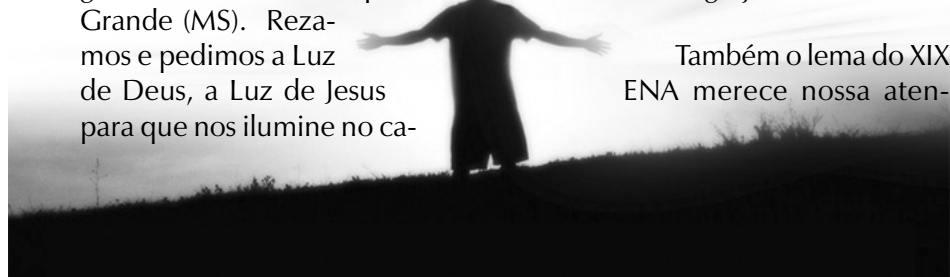
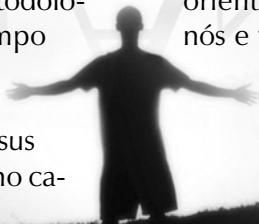
Há poucos dias estive reunido com a equipe de metodologia do MFC em Campo Grande (MS). Reza-mos e pedimos a Luz de Deus, a Luz de Jesus para que nos ilumine no ca-

minho do MFC e na preparação do próximo ENA que será em 2016. Desde já iniciamos e vos anunciamos “o advento do ENA”, e com a ajuda do Espírito Santo, de Maria nossa Mãe e de todos os MFCistas faremos do MFC e deste evento um grande Natal..., uma grande LUZ que ilumine nosso futuro como Movimento Familiar Cristão.

Não é à toa que o tema do próximo ENA é: ***“A responsabilidade missionária do MFC diante do futuro da família. Onde estamos e o que buscamos”***. (Tema aprovado no último CONDIN em Belo Horizonte).

O tema tem tudo a ver com o Sínodo da Família que terminará em 2015 e que nos dará algumas orientações muito valiosas para nós e toda a Igreja.

Também o lema do XIX ENA merece nossa aten-





ção: ***“As mãos que ajudam são mais sagradas do que os lábios que rezam”*** disse a Irmã Teresa de Calcutá. Que queria dizer esta Santa e o que queremos com isto? Queremos dizer que precisamos ser muito honestos com nós mesmos. Faz já alguns anos que o MFC tem a missão do anúncio de Jesus “o Cristo”, o Enviado e Filho de Deus, nas famílias e com as famílias. Porém nos esquecemos do nosso carisma ligado à nossa missão que é a transformação da nossa sociedade para que as famílias e a GRANDE FAMÍLIA Povo de Deus seja mais semelhante ao Reino que Jesus veio anunciar e pelo qual foi morto. Temos que rezar sim! Mas sem esquecer que este Reino de Fraternidade, de Justiça e de Paz se constrói, o construímos todos, e que o Reino e o MFC precisam também de nós.

Temos que sair das capelas e dos templos (Igrejas) nos diz o Papa Francisco e ir aos que mais precisam de Cristo, aos mais feridos pela sociedade, pela história, pelo mundo... Porém alguns saem dos templos e igrejas e vão “às periferias do mundo” e da sociedade com a mesma cabeça e espírito-religioso. Saem para repetir e fazer o mesmo que se faz na Igreja de tijolos e nos templos: rezar, ler a Bíblia, terço e sacramentos... Pouca ação... Pouca transformação... Pouco trabalho missionário “trans-

formador” e muito engajamento para manter tudo como está...

Alguns que tem coragem de ir às prisões, às cadeias, aos hospitais, à cracklandia...etc. fazem o mesmo que nas Igrejas (cultos, missas, sacramentos, louvores). Poucos se interessam pelas condições desumanas em que vivem os privados de liberdade ou como são tratados ou se são respeitados seus direitos ou como vai o andamento dos processos deles.

Poucos se perguntam **por que** existe a droga na nossa sociedade ou a quem interessa que tenhamos tantos jovens dependentes dela.

Os que visitam os enfermos também muitas vezes fazem exatamente o mesmo que na Igreja, reza do terço..., eucaristia..., comunhão, etc.

Poucos se preocupam se os enfermos são bem tratados, se os hospitais estão bem equipados, se temos suficientes professores e escolas de boa qualidade de ensino...

A oração é necessária, é fundamental, mas deve estar unida à ação. Visitar os doentes e rezar por e com eles é bom, é necessário, mas também dar queixa às autoridades públicas dos hospitais e



denunciar os abusos e descaso que os enfermos igual aos presos nas cadeias, sofrem.

Um grande desafio está em transformar a nossa vida de oração em vida de **“oração na ação”** ou se vocês quiserem, fazer da nossa oração ação na construção do Reino. Não podemos mais viver nesta separação ou dualidade de VIDA E ESPIRITUALIDADE, CORPO E ALMA, ORAÇÃO e AÇÃO, IGREJA e MUNDO.

Acordemos meus queridos MFCistas... é tempo de rever o caminho que estamos trilhando..., tempo de avaliar o caminho percorrido. Isto já foi feito outras vezes, e neste ENA de novo o faremos, pois o futuro é já o que hoje semearmos.

Estamos no século XXI, a Igreja nos convida a mudar de estilo de evangelização e de compor-

tamento; a sociedade mudou, as famílias mudaram, e nós... MFCistas? ..., onde estamos? E o que buscamos como MFC e dentro do MFC?

É por tudo isto e por tantas outras coisas que além de desejar a todos que a LUZ DE JESUS se faça presente nas nossas vidas e Famílias e em toda a Humanidade, nos coloquemos em uma atitude de abertura e colaboração para realizar o ENA. Todos precisamos de TODOS, também de você. O ENA não é para a gente receber..., mas, como no Natal, é um “trabalho de parto” onde todos devemos e podemos colaborar.

Um abraço amigo e saudoso. Minha oração acompanha vocês e às vossas famílias. O menino Deus vos abençoe.

Vosso assessor Espiritual Nacional
Pe. João Manu (Manu)





*Pedro Abramovay**

Há 15 anos, o anúncio dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio pela ONU gerou desconfiância. Afinal, mudanças reais não acontecem simplesmente a partir de anúncios solenes.

As metas eram ambiciosas e deveriam ser atingidas até 2015. Redução da pobreza; educação básica para todos; igualdade entre os sexos; redução da mortalidade infantil; melhora na saúde das gestantes, combater Aids e malária; respeito a meio ambiente; e parcerias, para o desenvolvimento.

Os problemas foram todos resolvidos? Não. Mas o mundo está melhor em todas essas áreas. E o fato de a ONU ter criado essas metas há 15 anos tem relação com essa melhora. Por quê? As metas estabeleceram uma língua comum para a cacofonia da política. Governos diferentes adotam práticas diferentes.

Isso é natural. Mas há consensos possíveis que permitem a construção de posições comuns. Permitem que a população de cada país julgue seu governo, inclusive comparando-o com governos de outros países ao estabelecer



parâmetros para um debate público e global sobre caminhos escolhidos. As metas do milênio fizeram isso.

No início do mês, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, apresentou um importante relatório com propostas para a fase final de negociações dos novos Objetivos, válidos para os próximos 15 anos. O relatório traz elementos guia. Dentre eles, vale destacar o tema da Justiça.

Incorporar o acesso à Justiça como elemento central no debate de desenvolvimento é um grande avanço. Justiça aqui entendida como acesso a direitos que só se efetivam em sociedades seguras e pacíficas, formadas por instituições fortes.

O Brasil tem muitos motivos para ser um ator relevante nesse processo. Em 2000, no lançamento dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, os desafios postos pela ONU pareciam inalcançáveis. Reduzir pela metade a população sem acesso a saneamento básico, em dois terços a mortalidade de crianças de até cinco anos de idade e universalizar o ensino fundamental, por exemplo, Todos esses foram alcançados. Além, é claro, da redução profunda da miséria que vivenciamos no período.

Quais são os grandes desafios de hoje? Após tirar dezenas de mi-

lhões da pobreza, o Brasil tem o desafio de escolher qual modelo de desenvolvimento adotará. Queremos que a redução da pobreza, por meio do aumento da renda, signifique a criação de consumidores? Ou será possível que sejamos líderes de um desenvolvimento que produza – e seja produzido por – cidadãos?

Se é esse o nosso objetivo, traçar metas de desenvolvimento que envolvam justiça, participação social e redução da violência é fundamental para o desenvolvimento rumo à igualdade.

Apesar do contundente pronunciamento do secretário-geral da ONU, nada está definido. Muitos interesses ainda tentam minar e desidratar esse processo. Os brasileiros devem ficar atentos para que o governo se mantenha na liderança do grupo de países que quer que temas caros ao Brasil, como justiça, segurança, transparência e participação social, sejam metas para os próximos 15 anos.

**Pedro Abramovay, 34, professor da FGV Direito Rio, é diretor para a América Latina da Open Society Foundations, conjunto de fundações que financia projetos em áreas como direitos humanos, liberdade de imprensa e educação*

Transcrito da Folha de São Paulo





Jorge Leão*

A participação na vida política não é possível sem a atuação consciente de sujeitos autônomos. Em todo o processo participativo é imprescindível a existência do ser livre, como mola propulsora da vida em comunidade.

Todavia, com o individualismo apregoado pelo mecanismo ideológico do capital, a tática é esvaziar o quanto antes o conceito de “espaço público”. Observa-se atualmente as inúmeras desmobilizações que o sistema de controle impõe à vida política. Quanto mais enfraquecido estiver o espírito de pertença à coisa pública, tanto melhor para a ideologia dominante.

Igrejas, sindicatos, partidos, grêmios estudantis são atacados fre-

quentemente pelo mecanismo de controle para difundirem o “salve-se quem puder”. Quem for mais esperto ganha a guerra. Quem aceitar calado a exploração garante o “bom viver” dentro das instituições. É essa a estratégia, que funciona e amedronta, quem costuma viver alheio à participação em comunidade.

Como esta manobra sobrevive? Simples: ameaçando a mobilização conjunta. Em resumo, o alimento do mecanismo implica em usar a máquina de controle para garantir a atuação de medo e subserviência destes espaços, atualmente, em sua grande maioria, manobrados pelo mecanismo da força e da alienação da vida política.

Como elemento de contra-força, quem participa da vida política assume a condição da liberda-



de dentro do espaço público. É este o momento legítimo da práxis política. Do contrário, o conceito de participação perde sua autonomia. Desse modo, quando é dito, por exemplo, “você é livre para escolher”, e não age de modo a garantir a participação consciente do outro, então é falacioso proclamar o direito à participação.

Em tempos de exacerbado individualismo, em que cada um assume para si o que considera mais oportuno no momento, a herança da polis como tarefa humana básica vai sendo minada. O que rege o modo de atuar no mundo das relações descartáveis é o uso do outro como objeto. Aí acontece o processo de falência do conceito de comunidade.

Ser autônomo, por consequência, não é alimentar o atomismo político, como se vê atualmente. Ao contrário, a autonomia nos lança para o universo da polis, isto é, com a adesão no processo de construção coletiva, todos respondem pelo destino da coisa pública, uma vez que assumiram, pelo uso da liberdade, o fortalecimento do pertencimento ao espaço legítimo da comunidade.

Quando se nega o outro enquanto ser autônomo, nega-se também o direito de pensar a liberdade como fundamento da

vida política. Entra em cena então a heteronomia, isto é, postula-se que o outro não é capaz de pensar o destino da polis em comunidade. Os sistemas totalitários funcionam a partir deste mecanismo de negação da autonomia. É mais fácil manipular quem se encontra acuado pelo medo ou pela ignorância.

Além da reflexão sobre o momento de esvaziamento em que se encontra a coisa pública, outro ponto é trazido para o ponto de crise, que é: “que herança deixaremos para as futuras gerações?”...

Enquanto se alimenta a ideia de que “cada um por si e Deus por todos” irá resolver nossos problemas comuns, mais e mais o dia a dia de miséria e violência que nos deparamos ao sairmos de casa ganha acento em nossas discussões, sem que com isso assumamos nossa responsabilidade pelo que é visto, e depois, quase que de modo automático, esquecido.

**Jorge Leão é Professor de Filosofia do IFMA – Campus Monte Castelo – MFC S.Luis (MA)*

SUGESTÃO PARA REFLEXÃO:

Quanto mais enfraquecido estiver o espírito de pertença à coisa pública, tanto melhor para a ideologia dominante





Como vai a nossa Família?

*Deonira L. Viganó La Rosa**

Com frequência tomamos consciência de quanto as famílias de hoje têm configurações ou arranjos diferentes, alguns surpreendentes e inesperados, pelo menos para as pessoas mais velhas que sempre haviam pensado a família nascendo de um casamento religioso e civil, entre um homem e uma mulher, dando à luz filhos, educando-os dentro de regras claras e pré-estabelecidas. Enfim, uma família tradicional.

O último censo demográfico mostrou que o modelo de família constituído por casal com filhos, deixou de ser dominante no Brasil. Pela primeira vez o censo constatou que os outros tipos de arranjos familiares estão em 50,1% dos lares.

Frente a esta realidade que parece não ter volta (famílias monoparentais, pluriparentais, homoafetivas, de adoção, lares formados por não parentes, casais sem filhos, etc), buscamos critérios que possam ajudar a identificar uma

família como sendo bem constituída. E parece não haver dúvida, o que caracteriza uma família como “saudável e feliz” é sua capacidade de criar laços afetivos entre seus membros, vivendo a cooperação, a solidariedade, a sinceridade, o cuidado recíproco, a ternura, a responsabilidade, o compromisso social, o respeito às diferenças e a individualidade de cada um, promovendo assim o crescimento espiritual, físico e psicossocial dos membros em particular e do grupo familiar como um todo - seja qual for a configuração que ele possa ter. Esta talvez seja a melhor resposta que devemos dar à pergunta: Como vai a nossa família?

Que nova família é esta?

Num conceito sócio-jurídico compreende-se a família como aquela formada por laços afetivos, consanguíneos ou não, constituintes do núcleo da família contemporânea, sem os quais ela pode não sobreviver. Na família atual, o afeto é a razão de sua própria existência, o elemento responsável e indispensável para a sua



formação, visibilidade e continuidade. Este quesito está amparado pelo Código Civil de 2002. Entretanto, as normas jurídicas devem ser sancionadas por toda a sociedade, e esta, por vezes é discriminatória. Caminha a uns passos atrás da lei.

Sabendo disso, ao invés de apenas lamentar as mudanças nas organizações familiares, poderíamos nos dedicar mais a criar e fortalecer os laços afetivos acompanhados de todas as virtudes anteriormente citadas, a partir da realidade de cada família assim como ela se apresenta de fato.

Diz o princípio: “Contra a realidade não há argumento”. Então, nossa questão é: “O que vamos fazer com esta realidade familiar que está ali? Como podemos otimizá-la no que diz respeito à

vivência do supremo mandamento de Cristo: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei?” A família é o lugar por excelência para a vivência deste mandamento, o qual resume a lei e os profetas, como disse Jesus. Parece coerente colocarmos este mandamento como objetivo primordial de nossa Pastoral Familiar, desenvolvendo atividades que partam da família como ela é, amando-a, respeitando-a e ajudando-a a caminhar rumo à utopia evangélica: “Amar como Cristo amou”. Qualquer família, sem exceção, pode crescer e melhorar, pois se ficasse cristalizada estaria morta, com certeza.

O amor em primeiro lugar

Esta reflexão quer destacar o que julgamos essencial ao questionar a família hoje: Primeiro a vivência do amor com todas as suas exigências e, concomitantemente,





tudo o que for necessário para que este amor aconteça da melhor forma possível, uns com uma organização familiar e outros com outra, às vezes bem diferente do que imaginamos que devesse ser.

Para que tudo isto vá lentamente acontecendo, no dia a dia, há pré-requisitos indispensáveis: Maturidade emocional suficiente para a boa convivência entre marido-mulher-filhos ou outros; retidão de consciência; intenção de permanência e durabilidade da relação; autoridade democraticamente exercida; combinação de regras mínimas de funcionamento familiar; capacidade de lidar com conflitos; e outras, conforme

particularidades. Sobretudo, buscar a Empatia - base de toda ética: "Não faça aos outros o que não queres que façam a ti".

E não podemos fechar os olhos diante da pobreza, da miséria, da ignorância, e lembrar o quanto tudo isto dificulta e quase impossibilita os relacionamentos familiares saudáveis e funcionais.

Refletir sobre a vivência do amor em família, face aos desafios próprios da ordem social mercadológica.

Deonira L. Viganó La Rosa Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia. deoniralucia@gmail.com

Frases para ler e guardar

Quando vires um homem bom, tenta imitá-lo; quando vires um homem mau, examina-te a ti mesmo.

Confúcio

Tente mover o mundo - o primeiro passo será mover a si mesmo.

Platão

Para ver muita coisa é preciso despregar os olhos de si mesmo

Friedrich Nietzsche





Cuba e EUA: o início do fim do bloqueio

*Frei Betto**

Adital

O papa Francisco, ao comemorar 78 anos, deu um inestimável presente ao Continente americano: o início do fim do bloqueio dos EUA à Cuba e o reatamento das relações diplomáticas entre os dois países.

Este foi o tema que Francisco priorizou com Obama no encontro que mantiveram, em Roma, em março de 2014. Um ano antes, ao assumir o pontificado, Francisco se inteirou da questão ao receber Diaz-Canel, primeiro vice-presidente do Conselho de Estado de Cuba.

Obama admitiu que “o isolamento não funcionou.” De fato, o bloqueio imposto à Cuba, ao arrempio de todas as leis internacionais, não conseguiu nem mesmo fragilizar

a autodeterminação cubana após a queda do Muro de Berlim.

Fidel, aos 88 anos, sobrevive a oito presidentes dos EUA, dos quais enterrou quatro. E a mais de 20 diretores da CIA.

Os EUA são lerdos para admitir que o mundo não é fruto de seus caprichos. Por isso, demorou 16 anos para reconhecer a União Soviética; 20 para o Vietnã; e 30 para a República Popular da China. E foram precisos 53 anos para aceitar que Cuba tem direito à sua autodeterminação, como já sinalizara a Assembleia Geral da ONU.

De fato, EUA e Cuba jamais romperam o diálogo. Em Washington funcionou, ao longo de cinco décadas, a legação cubana, assim como em Havana o prédio da legação usamericana ergue-se majestoso no Malecón.



A notícia dessa reaproximação marca o fim definitivo da Guerra Fria em nosso Continente. E Cuba sai no lucro, pois oferece uma infraestrutura turística sadia, despoluída e isenta de violência a 1 milhão de canadenses que, no inverno, com três horas de voo, trocam 20 graus negativos por 30 positivos do mar do Caribe.

Com a abertura do mercado cubano a investimentos estrangeiros, os EUA, que raciocinam em cifras, não querem ficar atrás da União Europeia, do Canadá, do México, do Brasil e da Colômbia, que selam importantes parcerias com a Ilha revolucionária. “Em vez de isolar Cuba, estamos isolando somente o nosso país, com políticas ultrapassadas”, disseram em carta a Obama os parlamentares estadunidenses Patrick Leahy (democrata) e Jeff Flake (repblicano) ao retornarem de Havana.

Em troca de Alan Gross, agente da CIA detido em Cuba por ações terroristas, Obama liberou, ontem, três dos cinco cubanos presos nos EUA, desde setembro de 1998, acusados de terrorismo (dois já tinham sido soltos).

Na verdade, tratavam de evitar, na Flórida, iniciativas terroristas de grupos anticastristas. E foram usados como bucha de canhão pelo FBI e por grupos de direita para impedir, na época, a reaproximação entre EUA e Cuba.

O tribunal de Atlanta havia admitido, por unanimidade, que as sentenças aplicadas a três dos cinco cubanos (Hernández, Labañino e Guerrero, libertados) careciam de fundamento jurídico: não houve transmissão de informação militar secreta, nem puseram em risco a segurança dos EUA.

Como me disse a presidente Dilma em encontro a 26 de novembro, Francisco é, sem dúvida, o grande líder mundial nesse mundo carente de figuras confiáveis e respeitáveis.

*Frei Betto, escritor assessor de movimentos sociais, atuou nas relações Igreja-Estado em Cuba nas décadas de 1980-1990, e é autor de “Fidel e a Religião”, entre outros livros. www.freibetto.org
twitter: @freibetto.*

***A polícia anda dizendo que prende um bandido
de meia em meia hora, então a gente fica desconfiado que
eles assaltam de 15 em 15 minutos.***

Stanislaw Ponte Preta - Sérgio Porto





Dentro das possibilidades ECOLÓGICAS



Marcus Eduardo de Oliveira

Adital

Se a nossa espécie tem intenção em continuar desfrutando dos prazeres da vida, convivendo de forma harmoniosa num meio ambiente equilibrado, fazendo uso parcimonioso dos principais serviços ecossistêmicos, urge a adoção de estilos de vida dentro das possibilidades ecológicas do planeta.

A adoção de um estilo de vida, basicamente a partir da relação produção-consumo, visto ser a economia espécie de eixo articulador da sociedade, que caiba dentro das fronteiras ecológicas, só será possível quando se verificar, na prática, a conciliação em definitivo entre o homem e a natureza.

Para tanto, tomando a atividade econômica como ponto de análise, é de fundamental importância, primeiramente, derrubar dois mitos muito em voga: 1) a maioria dos economistas neoclássicos continua convencida de que não há nenhum conflito entre o desenvolvimento da lógica econômica e o respeito pela lógica da biosfera; 2) crescimento físico da economia, ou seja, mais bens e serviços (quantidades excessivas) à disposição da população, não obstante a importância que exercem para a organização da vida social, não representam, em hipótese alguma, condição de melhoria e prosperidade individual.

Especificamente sobre o primeiro ponto, os economistas tradicionais, por isolarem em suas análises a natureza do conjunto da



atividade econômica, como se a economia “funcionasse” no vazio, sem interação com os aspectos da natureza, ignoram que a espécie humana corre um sério risco de desestabilização porque sua saúde e suas atividades dependem do bom funcionamento dos ecossistemas – que estão entrando em colapso – e de recursos naturais abundantes, escasseados que se encontram devido à incorporação dos modos de produção e consumo que ferem o meio ambiente, provocando assim conflitos ecológicos, decorrentes da vinculação inevitável entre crescimento econômico, expansão descontrolada dos fluxos energéticos e de materiais e o consequente acúmulo de resíduos gerados pelo processo produtivo.

Sobre o segundo ponto, cabe destacar que qualquer subsistema – assim como a economia – em algum momento deve necessariamente parar de crescer e adaptar-se a uma taxa de equilíbrio natural. Funda-se nesse argumento um fato inexorável: parar de crescer não significa, contudo, parar de se desenvolver. Parar com o crescimento da economia não representa a paralisia completa do sistema econômico.

Do ponto de vista econômico é perfeitamente possível prosperar sem crescer. Prosperidade é

sinônimo de bem-estar para todos. Portanto, não é compatível alcançar um elevado nível de prosperidade em ambientes que são constantemente expostos à degradação, reduzidos à poluição como objeto final, afetando, sobremaneira, a qualidade de vida e o modo de viver das pessoas.

Com isso, é urgentemente necessário trocar a busca incessante do crescimento (expansão quantitativa) pelo desenvolvimento (melhoria qualitativa). No linguajar dos economistas ecológicos é oportuno pontuar que o crescimento econômico vai até certo ponto; ultrapassado esse ponto, não há melhorias, mas sim perdas significativas, começando pela qualidade do ar que respiramos e pela completa destruição do espaço natural, afetando a qualidade de vida nas cidades; tornando-as, em outras palavras, insustentáveis.

Prosperar socialmente não pode então estar vinculado à ideia do crescimento da economia, a partir do alcance de mais bens e serviços. Logo, não é o crescimento econômico que determina, grosso modo, a prosperidade, até mesmo porque a distribuição nunca é feita de forma equitativa. O erro está localizado em dois aspectos: na produção excessiva e no consumo desigual.





Renomado especialista nesse assunto, Tim Jackson, autor de *Prosperity without Growth - Economics for a Finite Planet* declara que “os dias de gastar dinheiro que não temos em coisas das quais não precisamos para impressionar as pessoas com as quais não nos importamos chegaram ao fim”.

Para esse autor, “o mais importante é procurar viver bem, e não viver com mais”. Continuando a explorar seu ponto de vista, Jackson assevera que “(...) viver bem está ligado à nutrição, a moradias decentes, ao acesso a serviços de boa qualidade, a comunidades estáveis, a empregos satisfatórios. A prosperidade, em

qualquer sentido da palavra, transcende as preocupações materiais. Ela reside em nosso amor por nossas famílias, ao apoio de nossos amigos e à força de nossas comunidades, à nossa capacidade de participar totalmente na vida da sociedade, em uma sensação de sentido e razão para nossas vidas”.

** Marcus Eduardo de Oliveira
é Economista e professor de
economia na FAC-FITO e no
UNIFIEO, em São Paulo.
prof.marcuseduardo@bol.com.br*

Refletir sobre a relação entre o ser humano e o funcionamento dos ecossistemas em vista da qualidade de vida

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



Pe. Alfredo J. Gonçalves

Adital

Todos os seres humanos são, ao mesmo tempo, diferentes e iguais. Independentemente de cor, raça, sexo, credo, ideologia, povo, nação, origem – todos somos diferentes e iguais. Isto é, culturalmente diferentes, iguais em termos de direitos, deveres e oportunidades. Além disso, embora iguais, as pessoas têm ritmos diversos, seja no sentido de determinado aprendizado, seja na cadência da caminhada. Todas as pessoas, ainda, têm algo a dizer e algo a escutar, algo a ensinar e algo a aprender. Toda e qualquer pessoa é portadora de um saber, um patrimônio, uma herança, um tesouro.

Os seres humanos (simultaneamente diferentes e desiguais) devem criar pontes e canais, instru-

mentos e mecanismos para se comunicarem entre si. As diferenças, longe de empobrecerem, pela sua variedade enriquecem o conjunto; e as igualdades nem sempre são capazes de enriquecer, podem ao invés disso saturar e engendrar o tédio ou a mesmice. Daí a necessidade de intercâmbio e confronto, onde diferenças e igualdades passam por um processo recíproco de depuração e purificação. Em semelhante processo, somente o diálogo livre e franco, aberto e confiante será capaz de captar a riqueza na pluralidade de expressões, ou a unidade na diversidade. No contexto do pluralismo universal, a visão se amplia a um mundo cada vez mais multiétnico e pluricultural.

Disso resulta que, se por uma parte todas as pessoas são diferentes e iguais e, por outra, todas



são portadoras de um patrimônio cultural, torna-se absolutamente inoportuno e impossível medir uma pessoa pela outra. Ninguém é superior, ninguém inferior, somos apenas diferentes uns dos outros; diferentes na maneira de ser, vestir, comer, expressar-se e de pensar, mas sempre iguais quando está em jogo o direito à cidadania, o relacionamento e o crescimento da própria humanidade. As pessoas podem ser medidas e comparadas somente em relação a si mesmas, ao seu passado e em vista do próprio futuro, no processo único e irrepetível do desenvolvimento da própria personalidade.

Por isso é que diferenças e igualdades, se e quando reconhecidas e respeitadas, representam uma verdadeira mina, nem sempre explorada em suas pérolas mais preciosas. Para garimpar tais pérolas faz-se necessária uma linguagem apropriada, que todos possam entender. E aqui, junto com a cabeça, a mente e a razão, entra em cena o afeto, o coração a alma. A comunicação e o entendimento recíprocos passam não somente pela lógica gramatical, racional, conceitual e matemática, mas também, e sobretudo, pelo olhar, o sorriso, o gesto, o toque, a postura, a presença, a visita, o abraço, a mão estendida, a simpatia... Enfim, a

aceitação do outro em sua diferença e em sua alteridade. Mais do que palavras e escritos, é a linguagem muda ou simbólica que quebra o gelo, abre corações e portas, aproxima as diferenças, descortina horizontes novos e insuspeitados.

Os gestos, ações e parábolas de Jesus, o qual, segundo os relatos evangélicos, “falava como quem tem autoridade”; a presença silenciosa e extremamente fecunda entre os pobres e excluídos de Madre de Calcutá ou de Charles de Foucauld; a alegria genuína de Francisco de Assis, na virada profunda e radical de sua vida; o método de não violência e a resistência firme de Mahatma Gandhi, frente ao império britânico; a coragem e coerência inquebrantáveis de Dom Oscar Romero, Edith Stein, Nelson Mandela e Martin Luther King, embora cercados por forças hostis e antagônicas; a proximidade popular, simples e transparente do Papa Francisco, despida da pompa e da solenidade que historicamente caracteriza o pontificado; o “sim” de Maria, marcado ao mesmo tempo pela humildade e pela força do espírito, porque disponível à ação de Deus na história; o vigor e o entusiasmo evangélicos dos apóstolos, incluindo Paulo, após o encontro com o Ressuscitado...



Eis o mistério e o segredo dessa nova linguagem: cotidiana, concreta, viva, criativa, confortadora, libertadora... e, o que é mais importante, por todos facilmente compreendida. Em lugar da linguagem marcada pelo egoísmo exacerbado no episódio da Torre de Babel, onde a pretensão do poder rivaliza com o próprio Deus (Gn 11,1-9), na descrição do Pentecostes predomina a língua divino-humano e humano-divina do amor (At 2,1-13). No primeiro caso, ainda que todos falem a mesma língua, os interesses antagônicos criam desunião e confusão; no segundo, mesmo em meio a povos e línguas distintas, a Boa Nova do Espírito Santo converge para a união e a formação de comunidades, porque vem resvestida de uma nova linguagem.

Linguagem que, por um lado, se abre à supresa das diferenças e se enriquece diante de suas potencialidades positivas e, por outro, desconfia do perigo de uma igualdade artificialmente opressiva, ou do igualitarismo compulsivo e totalitário. Linguagem que, para falar em termos mais claros, conhece o risco de que a própria igualdade possa empobrecer-nos, degenerando-se em uniformidade de massa, como é o caso histórico do partido único, ou do pensamento úni-

co, irmãos siameses do fanatismo, do fundamentalismo e do totalitarismo. Estes, por sua vez, costumam levar à barbárie, à tirania e à violência institucionalizada. É amplamente conhecido e notório o rastro macabro de cinzas, ruínas e escombros – sem falar dos cadáveres insepultos – que tais atitudes deixaram na trajetória da humanidade.

Resulta que a abertura e a escuta do outro, do estrangeiro e do diferente, longe de enfraquecer a identidade de cada pessoa, grupo, povo ou nação, reforça-a. No contexto da economia globalizada e do pluralismo cultural e religioso, a identidade se constrói através do confronto e do diálogo. E mais, constrói-se mediante um processo dinâmico que se amplia e cresce em espiral, ao mesmo tempo que depura e purifica seus valores e contravalores. Como todo o organismo vivo, também o conceito de identidade incorpora novos elementos, ao mesmo tempo que expurga suas células necrosadas. Toda vida se faz, desfaz e refaz num processo orgânico de evolução que, simultaneamente, absorve ingredientes nutritivos e expelle dejetos mortos – como uma árvore que realiza a metamorfose do gás carbônico em oxigênio, além de alimentar-se da terra e expelir as folhas secas.



A pesença do outro – sempre que se evite a formação de “guetos fechados” e se promova a construção de “comunidades abertas” – é condição para manter uma identidade viva, sadia e florescente. Uma identidade capaz de renovar-se, através de um diálogo profundo de coração, mente e alma, no encontro e reencontro com o diferente.

PARA REFLEXÃO:

Se consideradas as relações sociais, os pensamentos, as ações e os sentimentos têm sido marcados por atitudes preconceituosas? Como? Por que?

Pe. Alfredo J. Gonçalves
Assessor das Pastorais Sociais

ESTATUTOS PARA O MOMENTO PRESENTE

Tânia Heluey

- 1- Todos os homens são diferentes. E devem fazer o possível para continuarem sendo.
- 2- A todo ser humano foram concedidas duas maneiras de agir: a ação e a contemplação. Ambos levam ao mesmo lugar.
- 3- A todo ser humano foi dada uma virtude: a capacidade de escolher. O que não utiliza esta virtude, a transforma em uma maldição e outros escolherão por ele.
- 4- Todo ser humano tem direito a duas bênçãos, a saber: a bênção de acertar, e a bênção de errar. No segundo caso, sempre existe um aprendizado que o conduzirá ao caminho certo.
- 5- Todo ser humano tem um perfil sexual próprio, e deve exercê-lo sem culpa - desde que não obrigue os outros a exercê-lo com ele.
- 6- Todo ser humano tem uma Lenda Pessoal a ser cumprida, e esta é a sua razão de estar neste mundo. A Lenda Pessoal manifesta-se através do entusiasmo com sua tarefa.
- 7- Todo ser humano precisa conhecer duas linguagens: a linguagem da sociedade e a linguagem dos sinais. Uma serve para a comunicação com os outros. A outra serve para entender as mensagens de Deus.
- 10- Todo ser humano tem direito à busca da alegria, e entende-se por alegria algo que o deixa contente não necessariamente aquilo que deixa os outros contentes.
- 11- Todo ser humano deve manter viva dentro de si a sagrada chama da loucura. E deve comportar-se como uma pessoa normal.
- 12- São considerados faltas graves apenas os seguintes itens: não respeitar o direito do próximo, deixar-se paralisar pelo medo, sentir-se culpado, achar que não merece o bom e o mal que lhe acontece na vida, e ser covarde.

Parágrafo 1 - amaremos nossos adversários, mas não faremos alianças com eles. Eles foram colocados no nosso caminho para testar nossa espada, e merecem o respeito de nossa luta.

Parágrafo 2 - escolheremos nossos adversários.

Revogam-se as disposições em contrário.



O atentado em Paris

O mundo está chocado com o atentado criminoso em Paris contra os jornalistas do semanário “Charlie Hebdo”.

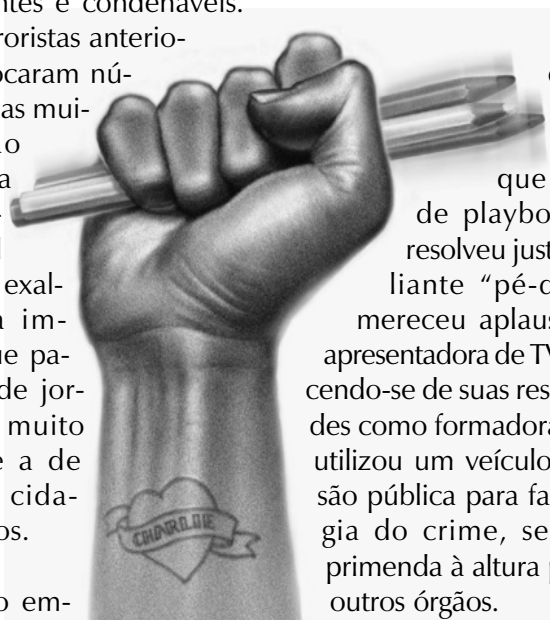
A imprensa internacional é uníssona em condenar o bárbaro acontecimento e multiplicam-se em todo o mundo manifestações vigorosas de líderes de diferentes matizes políticos lamentando a tragédia.

O que surpreende é a imprensa não ter um procedimento tão homogêneo e enfático diante de tantos outros acontecimentos igualmente chocantes e condenáveis. Atentados terroristas anteriores que provocaram número de vítimas muito maior não mereceram da imprensa internacional cobertura tão exaltada. Para a imprensa, ao que parece, a vida de jornalistas vale muito mais do que a de centenas de cidadãos anônimos.

O episódio em-

bora doloroso e abominável nos provoca a refletir até que

ponto o corporativismo jornalístico não reproduz o sectarismo que julga condenar. No eterno conflito que se desenrola no Oriente Médio, por exemplo, a grande imprensa divulga e condena amplamente a violência muçulmana, mas demonstra uma certa complacência com a desproporção das retaliações.



No Brasil, episódio mais ou menos recente em que um bando de playboys cariocas resolveu justicar um meliante “pé-de-chinelo” mereceu aplausos de uma apresentadora de TV que esquecendo-se de suas responsabilidades como formadora de opinião utilizou um veículo de concessão pública para fazer a apologia do crime, sem uma reprimenda à altura por parte de outros órgãos.



A escandalosa divulgação de episódios que despertam interesse, em busca da audiência, já provocou inúmeras sequelas e difamações irreversíveis. Para ficar num só exemplo basta lembrar o “caso da Escola Base de São Paulo”.

Tudo isto nos provoca refletir sobre a responsabilidade da imprensa e até que ponto deve ser defendida a publicação de tudo baseando-se no indiscutível direito à liberdade de expressão.

Não é demais lembrar que o slogan do jornal atingido era “um jornal irresponsável”. Será que o

jornalismo está acima do bem e do mal? Será certo que jornais e jornalistas devam ser mesmo irresponsáveis? Ferimentos e mortes não são causados apenas por armas - palavras também ferem e matam.

Bom jornalismo, para nós, exige bom senso, responsabilidade e, acima de tudo, respeito às crenças religiosas que são professadas por milhões de pessoas.

Um pedido aos cartunistas: façam humor mas não provoquem guerras.

Os Editores

De nada adianta cruzar os braços e esperar... **Esperança...**
ter esperança é mover uma atitude de ir buscar solucionar o problema.

Quem fica parado, à beira do caminho, esperando que caia do céu a solução, não verá o novo acontecer...

Quem diz: “foi Deus que quis assim”, ou “não tem jeito, o que posso fazer?”, não compreendeu o Mestre divino, quando afirma: “Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará”(Jo 8,32).

Doença, opressão, sofrimento, exclusão... são males oriundos do mal uso da liberdade humana.

De nada adianta reclamar, lamentar, deprimir-se... se não buscarmos a fonte de água pura, para de lá sairmos revigorados.

Esperança só tem sentido se for partindo do ponto da ação mobilizadora...

Resta a atitude de mover-se... pois ficar sentado chorando num canto escondido, de nada resolverá...

Jorge Leão - MFC S. Luis (MA)





O LUGAR DOS FILHOS NA FAMÍLIA

*Rosely Sayão**



Saber que é possível acionar parentes em caso de necessidade reconforta e dribla a solidão humana. “A partir de que idade posso pedir à minha filha, agora com sete anos, que ajude nas tarefas de casa?”

“Minha filha de 19 anos me pediu um carro para ir à faculdade, mas acho que ela deve conquistar isso com seu próprio esforço. O problema é que, financeiramente, eu poderia fazer isso, e ela não se conforma com minha negativa. Será que estou errado?”

Essas duas dúvidas, encaminhadas a mim por uma mãe e por um pai, parecem bem diferentes, não é mesmo?

Afinal, trata-se de uma criança e de uma jovem. Além disso, no primeiro caso a demanda é da mãe; no segundo, da filha. Entretanto, ambas permitem boa reflexão a respeito do lugar que destinamos aos filhos na família.

De alguns anos para cá, parece que a missão dos pais em relação aos filhos é tornar a vida deles boa, fácil, confortável, rica em consumo de diversos tipos, a mais parecida com a de seus pares e, acima de tudo, feliz e prazerosa.

Em troca de tudo isso, poucas coisas, todas interligadas: que sejam bons alunos, tirem boas notas, passem no vestibular e arrumem um trabalho com boa remuneração.

Fazer parte do grupo familiar e demonstrar isso cumprindo seus rituais, assumindo suas obrigações, compartilhando seus princípios, valores e tradições tornaram-se questões que, pelo jeito, os pais hesitam em repassar aos filhos. As perguntas feitas pelos leitores ilustram bem isso.

Arrumar sua cama, retirar o prato da mesa, colocar as roupas no local a elas destinado parecem tarefas que não cabem mais aos





filhos. Ou, no mínimo, elas suscitam muitas dúvidas em seus pais.

Será que estes devem ou podem exigir que seus filhos adolescentes compareçam a um mínimo de encontros familiares, ou que respeitem as regras da casa ou, ainda, que eles se contentem com o fato de não terem tudo o que os pais poderiam lhes dar?

Creio que não é grande o número de pais que respondem afirmativamente, e sem pensar muito, a tais questões. E que a maioria considera que os filhos precisam estudar e se divertir, estar com os amigos, que têm o direito de ter tudo o que seus pais não tiveram e que agora podem lhes oferecer etc.

Não ocorre de imediato aos pais que o fato de alguém ser filho - e fazer parte, portanto, de uma família - é algo que acarreta ônus e bônus. Assim é a vida em relação a tudo, não é, caro leitor?

Ter um nome, um sobrenome, um tipo de vida, pertencer a uma panelinha como é a família e conviver com seu grupo social têm lá seus benefícios. E as responsabilidades correspondentes, nada?

Levar os estudos sempre em frente, mesmo que com alguns tropeços – o que, aliás, é prerrogativa de quem ocupa o lugar de aluno

não é nada mais do que formação, aprendizado de vida. Faz parte, portanto, dos benefícios recebidos por fazer parte daquela família.

É com o cumprimento das obrigações familiares, que vão do comparecimento ao almoço de domingo ou coisa que o valha à colaboração com as tarefas domésticas, passando pela convivência com os parentes mesmo sem apreciar muito a companhia deles, que os filhos respondem ao fato de terem um grupo de pertencimento.

E isso é um aprendizado que, como qualquer outro, às vezes se mostra chato, maçante e até um pouco desagradável. Mas, lá na frente, em um futuro que pode estar próximo, poderá fazer toda a diferença na vida dessa nova geração.

Afinal: estar em qualquer lugar do mundo, sem a presença física de qualquer integrante da família, mas saber que, caso seja necessário, você pode acionar ou ser acionado por qualquer um deles, é algo reconfortante que dribla a inevitável solidão humana e produz serenidade.

** Rosely Sayão é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha)*

Transcrito da Folha de São Paulo



O pavor dos abastados: a desigualdade e a taxação das riquezas

Leonardo Boff

*Está causando furor entre os leitores de assuntos econômicos, economistas e principalmente pânico entre os muito ricos um livro de 700 páginas escrito em 2013 e publicado em muitos países em 2014. Transformou-se num verdadeiro best-seller. Trata-se de uma obra de investigação, cobrindo 250 anos, de um dos mais jovens (43 anos) e brilhantes economistas franceses, Thomas Piketty. O livro se intitula *O capital no século XXI* (Seuil, Paris 2013). Aborda fundamentalmente a relação de desigualdade social produzida por heranças, rendas e principalmente pelo processo de acumulação*

capitalista, tendo como material de análise particularmente a Europa e os USA.

A tese de base que sustenta é: a desigualdade não é acidental mas o traço característico do capitalismo. Se a desigualdade persistir e aumentar, a ordem democrática estará fortemente ameaçada. Desde 1960, o comparecimento dos eleitores nos USA diminuiu de 64% (1960) para pouco mais de 50% (1996), embora tenha aumentado ultimamente. Tal fato deixa perceber que é uma democracia mais formal que real.

Esta tese sempre sustentada pelos melhores analistas sociais e



repetida muitas vezes pelo autor destas linhas, se confirma: *democracia e capitalismo não convivem*. E se ela se instaura dentro da ordem capitalista, assume formas distorcidas e até traços de farsa. Onde ela entra, estabelece imediatamente relações de desigualdade que, no dialeto da ética, significa relações de exploração e de injustiça.

A democracia tem por pressuposto básico a igualdade de direitos dos cidadãos e o combate aos privilégios. Quando a igualdade é ferida, abre-se espaço para o conflito de classes, a criação de elites privilegiadas, a subordinação de grupos, a corrupção, fenômenos visíveis em nossas democracias de baixíssima intensidade.

Piketty vê nos USA e na Grã Bretanha, onde o capitalismo é triunfante, os países mais desiguais, o que é atestado também por um dos maiores especialistas em desigualdade: Richard Wilkinson. *Nos USA executivos ganham 331 vezes mais que um trabalhador médio*. Eric Hobsbawn, numa de suas últimas intervenções antes de sua morte, diz claramente que a economia política ocidental do neoliberalismo “subordinou propositalmente o bem-estar e a justiça social à tirania do PIB, o maior crescimento econômico possível, deliberadamente inequalitário”.

Em termos globais, citemos o corajoso documento da Oxfam Intermón, enviado aos opulentos empresários e banqueiros reunidos em Davos neste ano como conclusão de seu “Relatório Governar para as Elites, Sequestro democrático e Desigualdade econômica”: 85 ricos têm dinheiro igual a 3,57 bilhões de pobres do mundo.

O discurso ideológico aventado por esses plutocratas é que tal riqueza é fruto de ativos, de heranças e da meritocracia; as fortunas são conquistas merecidas, como recompensa pelos bons serviços prestados. Ofendem-se quando são apontados como o 1% de ricos contra os 99% dos demais cidadãos, pois se imaginam os grandes geradores de emprego.

Os prêmios Nobel J. Stiglitz e P. Krugman tem mostrado que o dinheiro que receberam do Governo para salvarem seus bancos e empresas mal foram empregados na geração de empregos. Entraram logo na ciranda financeira mundial que rende sempre muito mais sem precisar trabalhar. *E ainda há 21 trilhões de dólares nos paraísos fiscais de 91 mil pessoas.*

Como é possível estabelecer relações mínimas de equidade, de participação, de cooperação e de





real democracia quando se revelam estas excrescências humanas que se fazem surdas aos gritos que sobem da Terra e cegas sobre as chagas de milhões de co-seme-lhantes?

Voltemos à situação da desigualdade no Brasil. Orienta-nos o nosso melhor especialista na área, Márcio Pochmann (veja também *Atlas da exclusão social – os ricos no Brasil*, Cortez, 2004): *20 mil famílias vivem da aplicação de suas riquezas no circuito da financeirização, portanto, ganham através da especulação.*

Mas graças às políticas sociais dos últimos dois governos, diga-se honrosamente, o índice de Geni (que mede as desigualdades) passou de 0,58 para 0,52. Em outras palavras, a desigualdade que continua enorme, caiu 17%.

Piketty não vê caminho mais curto para diminuir as desigualdades do que a severa intervenção do Estado e da taxaçoão progressiva da riqueza, até 80%, o que apavora os super ricos. Sábias são as palavras de Eric Hobsbawn: *"O objetivo da economia não é o ganho mas sim o bem-estar de toda a população; o crescimento econômico não é um fim em si mesmo, mas um meio para dar vida a sociedades boas, humanas e justas".*

E como um *gran finale* a frase de Robert F. Kennedy: *"O PIB inclui tudo; exceto o que faz a vida valer a pena."*

Questões para reflexão:

- Qual é e qual deve ser o objetivo da economia de uma Nação?
- O crescimento econômico tem cumprido sua função social libertadora e includente?

A sabedoria sarcástica do Barão de Itararé

Quem empresta, adeus...

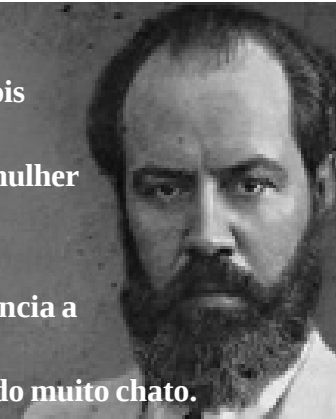
Quando pobre come frango, um dos dois está doente.

Genro é um homem casado com uma mulher cuja mãe se mete em tudo.

Os juros são o perfume do capital.

A televisão é a maior maravilha da ciência a serviço da imbecilidade humana.

Este mundo é redondo, mas está ficando muito chato.





Wadih Damous*

A modificação das regras que norteiam o funcionamento das eleições e dos partidos pode aperfeiçoar, e muito o sistema democrático no país.

A presidente Dilma Rousseff logo em seu primeiro pronunciamento depois de conhecido o resultado eleitoral reafirmou seu compromisso com a realização de uma reforma política. Isso se explica: a modificação das regras que norteiam o funcionamento das eleições e dos partidos pode aperfeiçoar, e muito a democracia no país.

Mas a reforma política não é uma tarefa simples. A rigor, ela não é exatamente uma proposta, mas um tema. Nele, cabem as mais diversas sugestões. Umas boas, outras, nem tanto. Para que se tenha uma ideia, até mesmo a proposta de volta à monarquia - que não passa pela cabeça de alguém de bom senso - poderia ser apresentada no debate. E, se

todos concordam em que a reforma política é necessária, as divergências se afloram quando as propostas começam a ser explicitadas.

A primeira questão essencial, ao se tratar de reforma política, é a mudança das formas de financiamento das campanhas e dos partidos, de forma a coibir a



gigantesca influência do poder econômico nas eleições.

Durante muito tempo a esquerda defendeu o financiamento público exclusivo, com o argumento de que isso poderia inibir o tomalá-dá-cá. E, por isso, no fim das contas acabaria mais barato para a sociedade do que o atual sistema em que muitos dos eleitos acabam retribuindo a ajuda que receberam na campanha de formas que acabam saindo caro para o poder público.

Isso não deixou de ser verdade, mas a proposta perdeu força. Dado o desgaste dos políticos, a opinião pública tenderia a rechaçar a hipótese de que se dê mais dinheiro para partidos ou campanhas eleitorais. No lugar dessa sugestão, surgiu outra, essa sim capaz de ser bem compreendida pela sociedade: limitar os financiamentos de pessoas físicas e impedir os financiamentos de empresas.

Um conjunto de entidades, capitaneadas pela OAB e a CNBB apresentou proposta ao STF para que fossem proibidas doações de pessoas jurídicas a candidatos ou partidos. A proposta está praticamente aprovada, pois seis dos 11 integrantes do STF já votaram a favor, o que garantiria a aprovação. No en-

tanto, o ministro Gilmar Mendes pediu vistas do processo, supostamente para preparar melhor seu voto.

Com isso, a votação foi interrompida. Até que Gilmar devolva o processo, está tudo parado. De qualquer forma, mais dia, menos dia as doações de empresas acabarão proibidas. Isso já será um importante passo para coibir a influência do poder econômico nas eleições.

Outra questão que deverá ser tratada por uma reforma política digna deste nome é a proporcionalidade na representação da Câmara dos Deputados. A legislação determina um limite máximo de 70 e um piso de oito representantes por estado. Isso distorce a representação, que passa a não ser proporcional ao eleitorado de cada unidade da Federação. São Paulo, o estado mais populoso, tem a representação rebaixada para o teto de 70 deputados. Acre. Amazonas. Amapá. Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins, que, pela proporcionalidade, teriam direito a menos de oito deputados federais, acabam elegendo os oito, que é o piso legal. Essa injustificável distorção na representação dos eleitores na Câmara tem que ser corrigida.





Ainda no que se refere ao Congresso, há a questão do Senado, cuja existência agrava a distorção na representação popular. Nele, cada estado tem três representantes, se trate de um estado com grande eleitorado, como São Paulo ou Minas, ou com eleitorado pequeno, como Roraima ou Rondônia.

A justificativa para a existência do Senado é que ele representa a federação. Só que na prática, a Casa funciona como uma câmara revisora e todos os projetos aprovados pelos deputados têm que passar por ela para se transformarem em lei. Por isso, uma reforma política digna desse nome deve extinguir o Senado ou, pelo menos, restringir as suas funções, para que ele se manifeste apenas em assuntos que digam respeito à Federação. Outro debate necessário é sobre a forma da eleição proporcional (para deputados ou vereadores). O sistema atual transforma os candidatos de cada partido em adversários entre si e enfraquece os partidos. A alternativa anteriormente apresentada previa que cada partido apresentaria uma lista fechada e os eleitores votariam na lista partidária. Dependendo do número de votos, sairia eleita certa quantidade de candidatos da lista na ordem em que eles fossem apresentados. O sistema for-

talecera os partidos mas deixaria nas mãos das direções de cada partido a escolha dos eleitos, fortalecendo a burocracia partidária.

Surgiu, porém, uma proposta que resolve essa questão: a realização das eleições proporcionais em dois turnos. Segundo esse modelo, sugerido pela OAB, a CNBB e outras entidades, a eleição de deputados federais e estaduais e de vereadores passaria a ser feita em dois turnos. No primeiro, o eleitor escolheria um partido; no segundo, já definido o número de vagas a que cada legenda teria direito, com base na votação recebida no primeiro turno, o voto seria dado num nome, a partir de uma lista apresentada por cada partido com o dobro de candidatos em relação ao número de vagas a que o partido tem direito.

Esse modelo fortaleceria os partidos, ao instituir o voto em lista, mas não deixaria nas mãos das burocracias partidárias a escolha dos eleitos.

E ainda acabaria com um problema que ocorre hoje, quando milhares de candidatos disputam cada vaga, confundindo a cabeça dos eleitores e tomando o horário eleitoral um mosaico de excentricidades.

Transcrito do Boletim Rede





Ano da privacidade

Pedro Doria

Há um tema recorrente em tecnologia que marcou 2014: a fragilidade da vida privada na era digital. Esse encontro aparece no suicídio de duas adolescentes, uma no Sul, outra no Nordeste, após o vazamento de vídeos sexuais. Aparece novamente na maciça publicação de fotografias e filmes íntimos de atrizes de Hollywood. E está evidentemente ali na obtenção por hackers de dados bancários, de saúde, além de e-mails pessoais de todos os funcionários da Sony Pictures.

A gente esquece com facilidade: a internet é jovem. Muito jovem. Smartphones com câmeras ligados constantemente às redes sociais não existiam às centenas de milhões cinco anos atrás. Daqui a



outros cinco eles terão, além de nossas imagens, também nossos dados bancários e de saúde. São frágeis.

Escrevendo anonimamente para o site da Forbes, um funcionário da Sony contou como foi viver lá dentro nas últimas semanas. No primeiro momento, o hack parecia um problema técnico sério mas sem grandes consequências. Conforme a imprensa foi anunciando a dimensão do estrago porém, teve início uma corrida. Todos tiveram de mudar seus cartões de crédito, alterar senhas de sites.

No caso da Sony, aqueles executivos do médio escalão tiveram uma dura aula sobre segurança virtual. Descobriram a existência de programas que gerenciam se-



nhas, da importância de elas serem complexas. Aprenderam, também, o quanto dados particulares, vazados, podem terminar em problemas sérios.

Não é apenas que a internet é jovem. A tecnologia avança num ritmo muito mais forte do que nossa capacidade de se adaptar. Empresas como Google e Facebook aprenderam, a duras penas, que o público se adapta devagar. Tiveram inúmeros problemas de comunicação. Produzem, ambas, ferramentas excepcionais que enriquecem nossas vidas. Mas que também ameaçam.

É injusto citar, na lista, apenas Google e Facebook ou a Amazon. Estas são as gigantes e mais agueridas no objetivo de mudar como vivemos. Mas ponha-se na lista as inúmeras pequenas empresas que lançam aplicativos que utilizamos. E ponha também os bancos, seguros de saúde, as telefônicas e até as empresas nas quais trabalhamos. Quais estão bem equipadas para evitar invasões, só saberemos quando ocorrer.

Vazamentos de informação pessoal vão ficar mais comuns. E é só quando acontecer que muitos de nós, finalmente, entenderemos o custo da vida digital. O objetivo não é libelo ludita. É outro: de conscientização.



O maior problema da tecnologia não são seus riscos, é nossa ingenuidade. Risco é coisa simples de lidar; você o compreende, percebe as consequências, avalia o esforço de dirimir o dano e toma uma decisão sobre correr ou não. É este cálculo que falta em nosso cotidiano. E parte do processo inclui educação digital.

É claro que simplifica a vida ter uma senha simples que se repete. Dá trabalho entender todos os controles do celular e optar ou não por fazer becares. Bancos não têm insistido em biometria e tokens à toa. E o vazamento dos vídeos e fotos de celebridades ocorreram porque muita gente fazia becape automaticamente sem desconfiar que as fotos estavam sendo armazenadas nos servidores de Apple e Google.

Educação digital parte por gastar o empo necessário para aprender a usar direito. Devia ser ensinado nas escolas. Não basta recorrer ao filho adolescente.

Transcrito de "O Globo"



CORRUPÇÃO SISTÊMICA institucionalizada?

Jorge Pontes*



Com os últimos fatos trazidos à luz pela Operação Juízo Final, sétima fase da célebre Lava-Jato, a sociedade brasileira vem assistindo, ainda sem entender suas dimensões, ao surgimento de mais um flagelo – quase – endêmico do nosso país; digo “quase” pois alguns países africanos também experimentam.

Trata-se do que podemos denominar de “crime institucionalizado”. Tal fenômeno que adquiriu contornos marcantes, que o diferenciam conceitualmente do crime organizado convencional, merece urgente atenção não apenas das autoridades policiais, do Ministério Público e do Judiciário, mas, sobretudo, da imprensa e da sociedade como um todo, pois sua sedimentação tem a capacidade de minar as possibilidades de desenvolvimento nacional.

Ao contrário do crime organizado, já rebaixado à delinquência juvenil, o “crime institucional” não lança mão de atividades ilegais, como o tráfico de drogas, de ar-

mas, o jogo ilegal, etc. Esse novo flagelo utiliza-se apenas da plataforma oficial, dos governos das três esferas, do estamento público, dos ministérios da República, da política partidária e das regras eleitorais para prospectar e desviar fortunas do Erário. Todo o seu faturamento tem origem nos contratos de serviços e obras, nas concorrências públicas, nos repasses para programas de governo.

Trata-se de atividade mais lucrativa e segura do que qualquer negócio ilegal convencional colocado em prática por organizações tipo máfia.

Enquanto o crime organizado viceja aproveitando-se da letargia e da omissão de alguns homens públicos, o “crime institucionalizado” é fruto da própria ação estruturada e pensada de um grupo de homens e mulheres que comandam determinado setor, empresa ou unidade do poder público.





Outra diferença marcante é que, enquanto o crime organizado coopta, ou, quando muito, infiltra um agente aqui e acolá, na polícia ou numa determinada repartição, o “crime institucionalizado” indica e nomeia, com a devida publicação em diários oficiais, autoridades que servem aos seus propósitos tanto na empreitada criminosa propriamente dita como na tomada de medidas garantidoras da impunidade do grupo e da salvaguarda do butim, nos três poderes da República.

Outra nuance de relevo é que o “crime institucionalizado”, com seus exércitos de nomeados em cargos e funções estratégicas, para garantir aspectos vitais da atividade, isto é, para institucionalizar a própria moenda criminosa, estaria, desgraçadamente lançando mão da elaboração e promulgação de normas administrativas, e até de leis que facilitem sua consecução.

Na última década o “crime institucionalizado” vitaminou-se tremendamente, aproveitando-se dos seguidos recordes de arrecadação tributária. Com o ingresso de dezenas de milhões de pessoas na classe média e o consequente aumento do consumo, os cofres públicos abarrotaram-se de dinheiro.

São exatamente essas divisas, oriundas do contribuinte brasileiro, que vêm alimentando o “crime institucionalizado”.

Uma de suas consequências práticas mais nefastas é a existência de concorrências públicas viciadas pelas fraudes do “crime institucionalizado” – há quem diga, inclusive, ser difícil encontrar nos dias de hoje, uma única licitação que não seja “arrumada”.

Contudo, ainda mais desoladora é a possibilidade da existência de vultosos projetos sendo aprovados com o único e exclusivo intento de desviar verbas públicas. É de fato o pior dos mundos, onde a corrupção estaria no nascedouro das iniciativas.

Não seria mais o caso do estádio de futebol superfaturado, mas o caso do estádio de futebol que nem deveria ter sido construído, isto é, a corrupção de raiz. Não é, como dizem por aí “o malfeito”, mas o que nem deveria ter sido feito.

Essa situação tem saída, por mais difícil e desfavorável que possa parecer. E a solução passa, necessariamente, pela total e completa blindagem política de todos os órgãos que compõem a persecução criminal, sem prejuízos de outras medidas de proteção às instituições do Estado brasileiro,



mormente as agências controladoras e tribunais de contas, nas três esferas políticas.

ça, e com capacidade de investigar aqueles que nomearam seus próprios chefes.

O quadro aponta para a necessidade da edificação de uma estrutura policial, altamente preparada, que faça frente a tal amea-

** Jorge Pontes é Delegado federal e ex-diretor da Interpol do Brasil*

Transcrito de "O Globo"

Amar

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão vazio,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta.
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesmo de amor, e na secura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Carlos Drummond de Andrade. "Claro Enigma" (1951)





*Paulo Nogueira**

A certidão de nascimento da língua portuguesa é considerada o testamento do rei luso Dom Afonso II, em 1214 - o mais antigo documento escrito no idioma, oito séculos atrás. Ele está guardado a sete chaves, na santa paz de um cofre do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, com outro tesouro histórico: a carta de Pêro Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral, comunicando ao rei de Portugal o descobrimento do Brasil. Todo o cuidado é pouco com essas inestimáveis relíquias: havia 13 cópias do Testamento de Afonso II, mas apenas duas resistiram (a outra está na Catedral de Toledo, antiga capital espanhola).

É difícil estimar quantos idiomas ou dialetos existiam na Europa antes da invenção da imprensa, no século 16. Estudiosos já

identificaram cerca de 3 mil línguas, não contando os dialetos menores que ainda se falam. Daí a importância óbvia da ortografia na fixação das línguas nacionais, chamadas “vernaculares” em oposição ao latim, que era o inglês daquela época, o idioma internacional (mas sem memes ou smiles). Com o nascimento de sua língua específica, os portugueses pararam de gastar o seu latim.

A origem da língua portuguesa remonta exatamente ao latim vulgar, falado mal e porcamente e assim estropiado por soldados, lavradores e comerciantes do Império Romano, que se instalaram na Península Ibérica entre os séculos 2 antes de Cristo e 5 da era cristã. Depois os chamados bárbaros (germânicos, celtas, godos) deram um chega pra lá nos ibéricos, só para serem acotovelados pelos muçulmanos, que invadiram o território no século 8. Resumo da



ópera: além do latim, a língua portuguesa também incluiu as barbaridades dos bárbaros e os arabescos dos árabes (com seus zilhões de palavras começadas por al: álcool, alcachofra, algodão, alicete, álgebra etc.)



eles constituem uma entidade cuja sigla é CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). E acredite: o português é matéria obrigatória nos currículos escolares da Argentina (e, já que tocamos no assunto, também do Uruguai).

Meio milhão de palavras

Dos 2.796 idiomas contemporâneos catalogados pela Academia Francesa, o português é o quinto mais falado do mundo (o primeiro é o chinês, com bem mais de um bilhão de falantes). O português é também a terceira no Ocidente e a primeira no hemisfério sul. Segundo a Academia Brasileira de Letras, nosso bom e velho idioma tem cerca de 500 mil palavras. Essas unidades estão todas dicionarizadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Mas devagar com o andor, que tem mais: o dicionário Houaiss contém 228.500 entradas, 376.500 acepções, 26.400 antônimos e 57.000 palavras arcaicas. Ou seja: não falta munção para jogarmos conversa fora.

O português é o idioma oficial de nove países (por ordem alfabética): Angola, Brasil, Cabo Verde, Timor-Leste, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Juntos,

Podemos acrescentar àquele número de falantes a imensa diáspora de cidadãos de nações lusófonas (de língua portuguesa) espalhados pelo mundo, estimados em 10 milhões, 3 milhões dos quais são brasileiros. Segundo estatísticas da Unesco, o português é um dos idiomas que mais crescem entre as línguas europeias, mordendo os calcanhares do inglês e do espanhol.

Por anos e anos a fio, Portugal (que até 1975 incluía várias colônias na África e na Ásia) e Brasil não chegaram a um consenso sobre a legislação do idioma comum, tomando decisões unilateralmente e instituindo duas normas reconhecidas internacionalmente. Assim, o português virou a única língua do mundo ocidental falada por mais de 100 milhões de pessoas com duas ortografias oficiais - o inglês tem diferenças ortográficas ocasionais, mas não ortografias oficiais diferentes.





Até que em 1990 foi aprovado pelos nove países da CPLP um Acordo Ortográfico, para acabar de vez com a lambança e uniformizar a língua. Polêmico e controverso, esse acordo não está completamente aplicado até hoje, um quarto de século depois de sua aprovação. Escritores brasileiros e portugueses, por exemplo, não podem vê-lo nem pintado e juram que, mal por mal, preferiam escrever na língua do P.

ACORDOS A CUMPRIR

Geralmente se esquece (ou simplesmente se ignora), porém, que houve quatro acordos anteriores: em 1911, 1943, 1945 e 1971. Como o idioma é dinâmico, naturalmente tem de ser calibrado de acordo com a evolução das sociedades, para que não sofra de reumatismo verbal. Reparem uns poucos exemplos dos inúmeros verbetes em que os acordos anteriores aplicaram um botox: *alphabeto*, *alumno* (*aluno*), *anonymo* (*anônimo*), *architectura*, *belleza*, *cahir* (*cair*), *chimica* (*química*), *civilisação* (*civilização*), *elle/ella* (*ele/ela*), *sciencia*.

Seja qual for, uma língua é uma delicada filigrana de regionalismos e universalismos – e, na era da globalização, da internet e das redes sociais, aberta de par em par às influências planetárias. Mas não é só de agora. A expressão “ba-

nho-maria”, que parece tão vetustamente lusitana, na verdade pertence ao vocabulário internacional dos alquimistas.

Empregado por 85% dos falantes do português, o padrão brasileiro é hoje o mais falado, escrito, lido e estudado no mundo. As diferenças entre as variedades do português da Europa e do Brasil estão no vocabulário, na pronúncia, na sintaxe e nas gírias – o que não é pouco. Por mais que isso possa revelar provincianismo, alguns dos chamados “lusitanismos” soam cômicos ou desconcertantes aos brasileiros. Como “bicha” (*fila*), “puto” (*menino, moço* - Cristiano Ronaldo é conhecido em Portugal como “o putito maravilhoso”), “autoclismo” (*descarga de privada*), “cueca” (*roupa íntima masculina e feminina*).

Ao longo do tempo, uma série de estrangeirismos também foram incorporados ao português cotidiano – uns permanentemente, outros temporariamente. Alguns: *abajour* (*abajur*), *club* (*clube*), *cocktail* (*coquetel*), *football* (*futebol*), *leader* (*líder*), *maillot* (*maio*), *sport* (*esporte*).

O português é ainda língua oficial em várias organizações internacionais, como Mercosul, Organização dos Estados Americanos (OEA), União Africana e União



Europeia. Terceira nas redes sociais e quinta na internet em geral, a CPLP faz campanha agora para que a língua portuguesa seja integrada aos idiomas oficiais da ONU - que atualmente são seis: árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo. Em nossos dias, a CPLP pode esgrimir trunfos econômicos para puxar a brasa a sua sardinha: 50% dos recursos petrolíferos descobertos na última década estão em países nela incluídos. Em meados deste século, o gás e o petróleo produzidos pelo Brasil, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau representarão 30% da produção mundial – o equivalente à do Oriente Médio.

Em março de 2006, foi fundado em São Paulo o Museu da Língua Portuguesa, um espaço interativo sobre o idioma, na cidade com o maior número de falantes do português em todo o mundo (quase tantos como em Portugal todo). Desde 1994 funciona em Curitiba o Bosque de Portugal, com o Memorial da Língua Portuguesa, que homenageia os imigrantes lusófonos – sobretudo em 5 de maio, dia da Língua Portuguesa.

Passos está na ilha

Até hoje, o mais prestigioso prêmio literário internacional – o Nobel – contemplou apenas um autor de língua portuguesa, José

Saramago, em 1998. Mas a plasticidade encapetada de nosso idioma está mais do que demonstrada por inúmeros escritores do cânone universal, de Machado de Assis a Guimarães Rosa, de Camões a Mia Couto. E na escrita ou na oralidade cotidiana, um dos indícios fascinantes dessa matéria-prima são os trocadilhos – que, quando bem executados, requebrem acrobacias mentais e uma intimidade incestuosa com a língua.

O maior craque em trocadilhos em português foi o poeta curitibano Emílio de Meneses, da estirpe do baiano Gregório de Matos – cuja língua era tão aguçada que ficou conhecido como “Boca do Inferno”. Quando o pernóstico acadêmico Guimarães Passos, autor de um *Tratado de Versificação*, foi convalescer de uma doença em Florianópolis, Meneses tascou: “Passos está na ilha, onde tem tratado de ver se fica são”.

Num bonde, ao presenciar uma mulher obesa quebrar um banco sob seu peso, exclamou: “É a primeira vez que vejo um banco quebrar por excesso de fundos!” Mas a apoteose de Meneses foi numa feira agrícola. Um desafeto decidiu se vingar do trocadilhista e, quando Emílio estava perto da barraca de milho, berrou: “É milho, é milho!” Meneses não per-



deu o rebolado: “Caramba, hoje você está com a veia! É com isso que eu me intrigo!” Ao ver o engraçadinho tentar fugir, Meneses agarrou-o pelo braço: “Não s’evada!” Forçou o outro a ocupar uma cadeira e deu o golpe de misericórdia: “Sentei-o!”

Moral da história: nestes 800 anos de idioma, todos podemos assinar embaixo da frase de Fernando Pessoa: “Minha pátria

é a língua portuguesa”. O que nem todos sabem é que até o etéreo poeta dos heterônimos foi publicitário da Coca-Cola e escreveu o primeiro slogan da bebida em Portugal: “Primeiro estranha-se, depois entranha-se”. Pois é: com as palavras todo o cuidado é pouco. Afinal de contas, o inventor do alfabeto era um analfabeto.

Transcrito da Revista do Brasil

Cada família do MFC

**1 assinatura
POR ANO!**

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.

Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

**fato
e razão**

Tel/Fax: (32)3214-2952
- de 13:00 às 17:00 -

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO
Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520



Meia, Meia, Meia, Meia ou Meia?

A língua portuguesa é uma das mais difíceis do mundo, até para nós.

O português praticado no Brasil ...

Na recepção dum salão de convenções, em Fortaleza

- Por favor, gostaria de fazer minha inscrição para o Congresso.

- Pelo seu sotaque vejo que o senhor não é brasileiro. O senhor é de onde?

- Sou de Maputo, Moçambique.

- Da África, né?

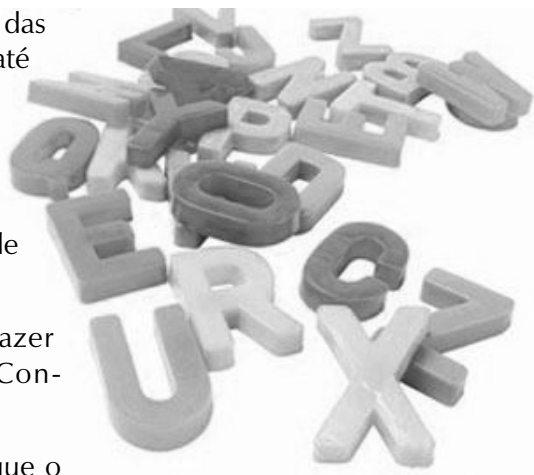
- Sim, sim, da África.

- Aqui está cheio de africanos, vindos de toda parte do mundo. O mundo está cheio de africanos.

- É verdade. Mas se pensar bem, veremos que todos somos africanos, pois a África é o berço antropológico da humanidade...

- Pronto, tem uma palestra agora na sala meia oito.

- Desculpe, qual sala?



- Meia oito.

- Podes escrever?

- Não sabe o que é meia oito? Sessenta e oito, assim, veja: 68.

- Ah, entendi, *meia* é *seis*.

- Isso mesmo, meia é seis. Mas não vá embora, só mais uma informação: A organização do Congresso está cobrando uma pequena taxa para quem quiser ficar com o material: DVD, apostilas, etc., gostaria de encomendar?

- Quanto tenho que pagar?

- Dez reais. Mas estrangeiros e estudantes pagam *meia*.



- Hmm! que bom. Ai está: *seis* reais.

- Não, o senhor paga meia. Só cinco, entende?

- Pago meia? Só cinco? *Meia* é *cinco*?

- Isso, meia é cinco.

- Tá bom, *meia* é *cinco*.

- Cuidado para não se atrasar, a palestra começa às nove e meia.

- Então já começou há quinze minutos, são nove e vinte.

- Não, ainda faltam dez minutos. Como falei, só começa às nove e meia.

- Pensei que fosse as 9:05, pois *meia* não é *cinco*? Você pode escrever aqui a hora que começa?

- Nove e meia, assim, veja: 9:30

- Ah, entendi, *meia* é *trinta*.

- Isso, mesmo, nove e trinta. Mais uma coisa senhor, tenho aqui um folder de um hotel que está fazendo um preço especial para

os congressistas, o senhor já está hospedado?

- Sim, já estou na casa de um amigo.

- Em que bairro?

- No Trinta Bocas.

- Trinta bocas? Não existe esse bairro em Fortaleza, não seria no Seis Bocas?

- Isso mesmo, no bairro *Meia* Boca.

- Não é meia boca, é um bairro nobre.

- Então deve ser *cinco* bocas.

- Não, Seis Bocas, entende, Seis Bocas. Chamam assim porque há um encontro de seis ruas, por isso seis bocas. Entendeu?

- Acabou?

- Não. Senhor é proibido entrar no evento de sandálias. Coloque uma meia e um sapato...

O africano infartou..

Colaboração do leitor Geraldo
Leal da Silva

“Leis de Murphy”...

“Sempre que as coisas parecem fáceis, é porque não entendemos todas as instruções.”



ESCOLINHA DA VERDADE

Paulo do Carmo*

Recentemente, estive em Cotia [SP] por toda uma semana, em imersão. De segunda à sexta-feira, das oito da manhã às oito da noite, participei do Programa de Gestão Avançada e Capacitação de Líderes da Amana-Key, com o prof. Oscar Motomura. Esse curso foi uma experiência única. Vi coisas complexas, pela lente da simplicidade. Ali conheci o texto de Robert Fulghum, que compartilho com você.

“Tudo o que realmente vale a pena saber, eu aprendi no jardim de infância. Tudo o que hoje preciso realmente saber, sobre como viver, o que fazer e como ser, eu aprendi na escolinha. A sabedoria não se encontra no topo de um curso de pós-graduação, mas no montinho de areia da escolinha de todo dia.

Compartilhe tudo; Jogue dentro das regras; Não bata nos outros; Coloque as coisas de volta onde pegou; Arrume sua bagunça; Não pegue as coisas dos ou-



tros; Peça desculpas quando machucar alguém; mas peça mesmo!!! Lave as mãos antes de comer e agradeça a Deus antes de deitar; Dê descarga. Biscoitos quentinhos e leite fazem bem para você; Respeite o limite dos outros; Leve uma vida equilibrada: aprenda um pouco, pense um pouco... desenhe... pinte... cante... dance... brinque... trabalhe um pouco todos os dias; Tire uma soneca a tarde (isso é muito bom). Quando sair, cuidado com os carros; Dê a mão e fique junto; Repare nas maravilhas da vida; O peixinho dourado, o hamster, o camundongo branco e até mesmo a sementinha no copinho plástico, todos morrem... nós também.

Pegue qualquer um desses itens, coloque-os em termos mais adultos e sofisticados e aplique-os





à sua vida familiar, ao seu trabalho, ao seu governo, ao seu mundo e veja como ele é verdadeiro, claro e firme. Pense como o mundo seria melhor se todos nós, no mundo todo, tivéssemos biscoitos e leite todos os dias por volta das três da tarde e pudéssemos nos deitar com um cobertorzinho para uma soneca. Ou se todos os governos tivessem como regra básica, devolver as coisas ao lugar em que elas se encontravam e arrumassem a bagunça. Ao sair para o

mundo é sempre melhor darmos as mãos e ficarmos juntos. É necessário abrir os olhos e perceber que as coisas boas estão dentro de nós, onde os sentimentos não precisam de motivos nem os desejos de razão. O importante é aproveitar o momento e aprender sua duração, pois a vida está nos olhos de quem souber ver.”

Paulo do Carmo, Doutor em Economia

Transcrito da Pauta Econômica nº 137

Frases para ler e guardar

Mesmo desacreditado e ignorado por todos, não posso desistir, pois para mim, vencer é nunca desistir.

Albert Einstein

Para ver muita coisa é preciso despregar os olhos de si mesmo

Friedrich Nietzsche

Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas, no que respeita ao universo, ainda não adquiri a certeza absoluta.

Albert Einstein

Há uma inocência na admiração: é a daquele a quem ainda não passou pela cabeça que também ele poderia um dia ser admirado.

Friedrich Nietzsche

A alegria que se tem em pensar e aprender faz-nos pensar e aprender ainda mais.

Aristóteles





Papa Francisco

*Cristovam Buarque**

Minha geração já assistiu a diversos milagres políticos. Um deles foi o desmonte do socialismo real no Leste Europeu, que provavelmente não teria ocorrido, naquele momento, se não fosse a liderança moral do Papa João Paulo II. Com o seu sentimento polonês, ele teve papel fundamental no despertar da necessidade das mudanças que as forças sociais empurravam nos países daquela área.

Nestes dias, o milagre foi retomar as relações diplomáticas entre dois povos que viviam como inimigos a poucos quilômetros de distância, sem que um conseguisse vencer o outro. Nem os EUA estrangularam Cuba pelo uso do poder econômico, nem Cuba estrangulou os EUA com guerrilhas na América Latina.

O reatamento das relações diplomáticas entre EUA e Cuba, que um dia ocorreria pela pressão das forças sociais nos dois países, não teria acontecido agora sem a ousadia tanto do presidente Barack Obama, quanto do presidente Raul Castro, e sem, sobretudo, a torça moral, aliada ao sentimento latino-americano, de Sua Santidade.

O mundo inteiro reconhece o papel de Sua Santidade na quebra do impasse de cinco décadas entre os dois países. Mesmo com a força política dos dois presidentes, as forças sociais não definiriam o momento; poderiam ficar represadas por outras décadas, até que um gesto as despertasse.

No Brasil, passamos por isso. A desigualdade que nos envergonha, a violência que nos mata, a corrupção que nos rouba recur-





sos, a ineficiência que nos estrangula. Tudo isso pressiona para que algo ocorra e permita nosso salto para uma sociedade eficiente e harmônica. Sabemos o que é preciso fazer, sabemos como fazer, temos os recursos para isso, falta que as lideranças políticas se indignem, colocando a moral na frente da política e a política tomando decisões decentes quanto ao uso dos recursos dos quais dispomos.

Mas parece que internamente não estamos conseguindo este despertar. Agimos barrando a vontade das forças sociais e não a favor delas.

Precisamos reatar relações entre nossas classes sociais. E o caminho é colocar todas as nossas crianças em escolas com qualidade e com a mesma qualidade; os filhos dos pobres em escolas tão boas quanto as escolas dos filhos

dos ricos. As forças sociais buscam isso, na ânsia de fazer com que o Brasil seja um país eficiente, justo, decente e com liberdade individual plena. Mas a política não se sensibiliza.

Aparentemente há um divórcio entre a ansiedade das forças sociais, querendo um país melhor no futuro, e o comodismo das forças políticas, que querem apenas administrar improvisadamente o presente. Por isso, meu apelo à Santidade; escreva aos líderes políticos brasileiros, do governo e da oposição, como fez para os líderes de Cuba e dos EUA, e fale da necessidade de reatamento social. Talvez, Sua Santidade consiga nos despertar, como fez com os presidentes Obama e Castro.

** Cristovam Buarque é
Senador (PDT-DF)*

Transcrito de "O Globo"



No Novo Testamento, no livro de São Mateus, está escrito "é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no Reino dos Céus..."

O Problema é que São Jerônimo, o tradutor do texto, interpretou a palavra "kamelos" como camelo, quando na verdade, em grego, "kamelos" são as cordas grossas com que se amarram os barcos.

A ideia da frase permanece a mesma, mas qual parece mais coerente?





Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Formação

No centro de nossas preocupações e do MFC está a pessoa humana que atualmente sofre agressões de todos os lados dentro deste mundo globalizado. A pessoa humana precisa ser salva e para que isto aconteça é necessário, dentro de todos os acontecimentos que envolvem a sociedade, tentar colocar uma visão do Cristo, através do anúncio da Boa Nova.

É necessário que nós tenhamos certeza do que significa, para nós, sermos batizados e examinar até que ponto estamos comprometidos com a vivência do Evangelho e com os princípios do MFC.

Para fazer este exame propomos que sejam desenvolvidos nas Equipes-base os seguintes temas: FÉ, LIBERDADE e AMOR CRISTÃO, conforme o esquema abaixo:

PRIMEIRO BLOCO

1 - FÉ

1.1 - O QUE SIGNIFICA TER FÉ

1.2 - AS EXIGÊNCIAS DA FÉ CRISTÃ

1.3 - COMO TESTEMUNHAR A FÉ

1.4 - A MISSÃO EM FAVOR DA VIDA

SEGUNDO BLOCO

2 - LIBERDADE

2.1 - A ESCRAVIDÃO DAS PESSOAS NA SOCIEDADE MODERNA

2.2 - COMO ENTENDEMOS A LIBERDADE COMO UM COMPROMISSO ÉTICO

2.3 - JESUS, O ENVIADO PARA LIBERTAÇÃO

2.4 - EVANGELHO: O CAMINHO PARA LIBERTAÇÃO

TERCEIRO BLOCO

3 - AMOR CRISTÃO

3.1 - O DESAFIO DA OPÇÃO PELO OUTRO

3.2 - A MANIFESTAÇÃO DE DEUS POR MEIO DO AMOR HUMANO

3.3 - O COMPROMISSO DAS PESSOAS DE VIVER O AMOR CRISTÃO

3.4 - SER FIEL NO AMOR

Iniciando a divulgação desse programa estamos encaminhando dois textos, que se complementam, abordando o item 1.1 acima.



Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico da Livraria. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

1 . FÉ

O QUE SIGNIFICA TER FÉ

1 – FÉ – Pequeníssima palavra, mas provocadora.

As palavras são forças que nos provocam: afagam ou ferem; unem ou separam; matam ou dão vida.

As palavras são sinais, significam. O que significa significar?

Significar significa ser sinal de...; apontar para...

Pergunta superimportante: para qual experiência humana (experiência de vida) a palavra fé aponta? Você já pensou nisso? Você seria capaz de partilhar, com seus companheiros de caminhada, na vida, uma intensa experiência humana?

2 – Suspeita número um: quem sabe se a fé mais radical, mais enraizada em nós, não seja a fé no valor da vida? Todo mundo quer viver. Por quê? Não será porque crê no valor da vida?

Suspeita número dois: viver é conviver. Nenhuma forma de vida,

ou mesmo nenhuma forma de ser é auto-suficiente. Viver ou ser é partilhar.

Somos, pois, levados a crer na comunhão com os outros. Gostamos do fogo, do ar, da água, da terra com toda a sua riqueza. Entregamo-nos a elas confiadamente. Abrimos os pulmões e respiramos. Creemos que o ar é bom. Ter fé é abrir-se para o outro.

Suspeita número três: * como seres humanos, gerados pela mãe terra, por força de impulso misterioso, emerge a consciência do universo;

* com a consciência, aflora o espaço para a escolha; rompe-se o determinismo cósmico; brota a possibilidade de mundos variados de convivência, para cuja arquitetura, o ser humano é convocado;

* a história é resposta a essa convocação. O que é que dá força aos seres humanos, para se unirem em convivência planejada e fazerem história, ou histórias? A fé, em que coisa, os animará?

* talvez o que distingue o animal homem dos outros animais é que ele fala. Mas o que é falar, senão um grande ato de fé no outro? Você já pensou nisso? Em que você acredita quando dirige uma palavra ao outro?

* As histórias dos grupos hu-



manos não são, talvez, fruto de uma grande e intensa conversa?

Explore essa suspeita: falar é ato de fé; fazer história implica falação, muito ato de fé.

3 – Ter fé não é, pois, característica só do homem religioso. A fé é dimensão estruturante de toda vida humana.

Quarta suspeita: será que o nosso cristianismo, aquele que nos gerou e embala até hoje, ajuda-nos a situar nossa fé cristã, no conjunto dessas outras dimensões e manifestações de fé da nossa vida humana?

Enquanto cristãos, “no que ou em quem cremos?”

Eis a grande questão.

Talvez seja bom termos a coragem de fazer-nos essa pergunta; demorarmos nela; deixar que ela more em nós.

O QUE SIGNIFICA TER FÉ

Definição da Palavra

Neste módulo propomos falar de uma palavra de apenas duas letras, mas que é indispensável em nossas vidas: a FÉ. Mas o que é fé?

É necessário antes de responder a uma pergunta como essa, considerar vários tipos de fé,

como por exemplo, usamos a palavra “fé” para dizer que acreditamos em alguma coisa ou alguém: “Eu boto fé nesse rapaz!”, ou ainda, “Eu tenho fé que isso vai acontecer...” .

A simples fé implica uma disposição de uma pessoa para confiar, mas confiar em que? Difere de credulidade, porque aquilo em que confiamos é verdadeiro de fato, mesmo que transcenda a nossa razão. A credulidade, porém, alimenta-se de coisas imaginárias, e é cultivada pela simples imaginação. A fé difere da crença porque é uma confiança do coração e não apenas uma aquiescência intelectual. A fé religiosa é uma confiança tão forte em determinada pessoa ou princípio estabelecido, que produz influência no relacionamento humano e na sua atitude diante dos fatos do dia a dia, devendo, normalmente, dirigir a sua vida.

Como externar a fé?

Quando procuro me engajar no partido político, no grêmio estudantil, na associação de bairro, nas OGNs, nos movimentos como: sem terra, sem casa, de rua, de mulheres, de catadores de papel, no MFC etc., estou expressando exteriormente o que a fé me fez interiormente: há uma mudança de atitude que me coloca diante dos problemas deste mundo com o desejo de engajar-me para procurar amenizá-los.





Nosso compromisso de pessoas que professam uma fé é com a vida. Não adianta muita reza se o coração não muda! Nossas celebrações, nossos louvores, nossos encontros, nossas adorações só serão plenas de sentido se virem acompanhados do nosso engajamento com a vida ameaçada: queremos estar mesmo a serviço da vida e da esperança!

TEXTO DE REFLEXÃO

João está bastante desanimado com o seu emprego e dialoga com a mulher. Ela diz que precisa ser mais decidido e confiar mais. Ouvem gritos da filha que está em cima do muro, numa altura considerável e a escada caiu. Correm, João pede que a filha pule em seus braços. A mãe fica apavorada mas a filha pula e João segura-a, sem problema. Ao final a mulher fala para o marido que a filha é mais

decidida do que pensava. Ela tem confiança no seu Pai:

a) Como as três pessoas deste fato entendem o significado de FÉ?

b) Diante do exposto: Faça um pequeno exame do que vocês entendem por fé e o que significa realmente TER FÉ?

c) O que queremos dizer quando falamos: Ele não tem fé. Quais critérios usamos para fazer esta afirmação?

SUGESTÕES:

1. Leiam o texto bíblico Hebreus de 11, 1-12.

1. É uma lista de atitudes de fé, ao longo da história de Israel, que chega à perfeição, em Jesus, com Jesus, por Jesus.

2. Leiam também Marcos 9, 14-29.

Quanto maiores forem os desafios, mais apaixonante deve ser a nossa luta.

Helder Câmara

*Quanto mais rico o tesouro, mais árdua a conquista.
Tesouro mais caro que a imersão feliz em Deus, não há.*

Hermógenes



O Anjo do ser humano é o tempo.

Friedrich Schiller

Se eu souber onde estou, posso saber para onde quero ir...

Charles Chaplin



LISTAGEM DE TEMAS PARA REUNIÕES

Observação importante: Cópias de temas constantes desta listagem poderão ser solicitadas à Livraria

TEXTOS	EDIÇÃO
5 propostas	9
A alegria do encontro	23
A consciência crítica	23
A dignidade da pessoa humana	17
A dura vida no campo	1
A família no mundo moderno	1
A humanização do sexo	22
A mulher moderna	76
A preservação da natureza	23
A riqueza dos simbolismos	10
A sexualidade	10
A união homem-mulher	10
Acolhida	69
Amizade no MFC	70
Amor e “amor”: três histórias	3
Até que a morte nos separe	5
Carisma	75
Ciência e Fé: Conflito ou complementação?	17
Como ser família hoje?	57
Compromisso com o MFC	74
Comunidades familiares	17
Conversando é que a gente se entende	23
Covardes!	21
Criar vida: um desafio	6
Depoimento de um jovem desempregado	2





Depois de um dia duro	3
Deus me quebra o galho	2
Deve haver uma resposta	5
Devemos ter mais filhos?	2
Dificuldades para formar pessoas	17
Dou-lhe a minha palavra	5
Ele é um marido fiel?	1
Exigências novas da fé	6
Família e afetividade	17
Família e Socialização	17
Família e transmissão da fé	17
Família e transmissão de valores	17
Família Formadora de Pessoas	17
Família promotora do bem comum	17
Família, no mundo em transformação	10
Família: pequena igreja	10
Fecundidade	10
Fim-de-semana com jovens	16
Formando líderes	70
Jesus de Nazaré, seu ser, sua vida, sua ação	49
João e Maria	7
Justiça e trabalho para todos	5
Libertação pela fé	20
Libertação pela simplicidade	6
Metas: O que são?	69
Meu filho é um problema	3
Motivação & Realização	67
Mudar	71
Não tem mais sentido	2
Ninguém gosta de ser dominado	2
O diálogo da sexualidade	6
O diálogo restabelecido	10
O direito ao desenvolvimento	22





O egoísmo e o orgulho	10
O homem	10
O homem e a mulher	10
O impulso da socialização	17
O que chamam de amor	17
O reino de Deus	17
O respeito à vida	21
O sentido da vida	10
O valor da austeridade	10
Os direitos humanos	21
Pais e filhos: “Nem sempre é fácil aceitar o outro”	1
Parece que ninguém se entende!	22
Participação na obra da criação	10
Política social familiar: responsabilidade de todos	1
Por que tanto pobre?	18
Práticas concretas para o bem comum	17
Processo de Formação	71
Quatro temas: Três palestras	7
Quem sou eu	5
Quem tudo quer	3
Reconciliação	10
Semana da Família	72
Ser fiel é	5
Ser gentil não custa nada	74
Ser Igreja hoje	15
Ser mulher pode ser diferente?	2
Será que pode ser diferente	5
Será tão difícil transmitir a fé?	2
Socialização conformista ou conflitiva?	17
Teoria e Prática	73
Uma nova espiritualidade	10
Você está acomodado(a)	67
Vocês leram no jornal?	16